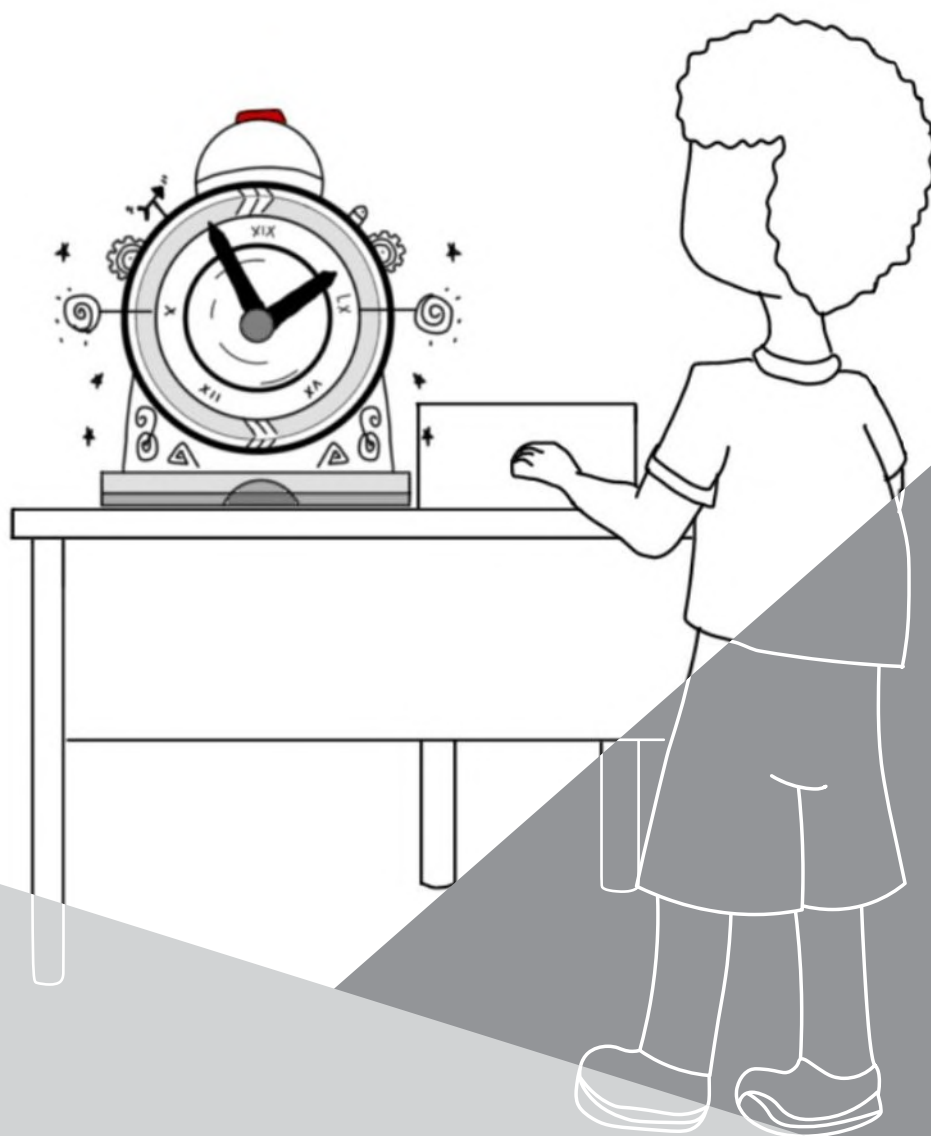


AS AVENTURAS DE  
**JANO**  
PELA HISTÓRIA:  
ENTRE MEMÓRIAS E TEXTOS



LUIZ DE SOUZA PORTO COELHO  
LETÍCIA QUEIROZ DE CARVALHO

# AS AVENTURAS DE JANO PELA HISTÓRIA: ENTRE MEMÓRIAS E TEXTOS

1ª Edição  
Vitória  
2024

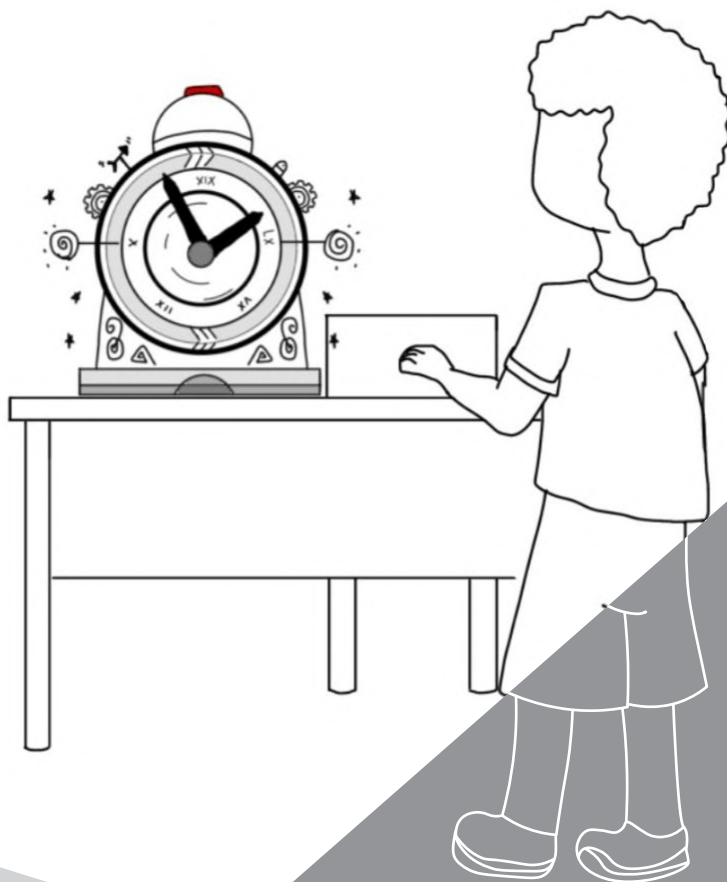


**INSTITUTO FEDERAL  
ESPÍRITO SANTO**



**PPGEH**

Programa de Pós-Graduação  
em Ensino de Humanidades  
Instituto Federal do Espírito Santo



LUIZ DE SOUZA PORTO COELHO  
LETÍCIA QUEIROZ DE CARVALHO

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Biblioteca Nilo Peçanha do Instituto Federal do Espírito)**

C672a COELHO, Luiz de Souza Porto.

**As aventuras de Jano pela história: entre memórias e textos** / Luiz de Souza Porto Coelho, Letícia Queiroz de Carvalho. – 1. ed. - Vitória : Instituto Federal do Espírito Santo, 2024.

68 p. : il. ; 30 cm.

ISBN: 978-65-01-27872-8 (*E-book*)

1. Jogos educativos. 2. Aprendizagem – Efeitos das inovações tecnológicas. 3. Construção civil. 4. Ensino profissional – Estudo e ensino. 5. Professores – Formação. I. Oliveira, Márcia Gonçalves de. II. Instituto Federal do Espírito Santo. III. Título.

CDD 21 – 371.39

**Elaborada por Wagner Ayrão de Castro – CRB-6/ES – 1.005**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
EM ENSINO DE HUMANIDADES - PPGEH**

Av. Vitória, 1729 – Jucutuquara Vitória - ES  
CEP: 29040-780

**COMISSÃO CIENTÍFICA**

Dr. Aldieris Braz Caprini  
Dr. Luciano Novaes Vidon

**REVISÃO DE TEXTO**

Os autores

**DIAGRAMAÇÃO**

Aline Antonio – (27) 99807-3770

**ILUSTRAÇÃO**

Mayana Dutra Degli Esposti Caetano

**PRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO**

PPGEH / IFES

---

**DESCRIÇÃO TÉCNICA DO PRODUTO**

**Nível de Ensino a que se destina o produto:** Ensino Básico e Superior

**Área de Conhecimento:** Ensino

**Público-Alvo:** Professores e profissionais da área de Humanidades atuantes em escolas da Educação Básica.

**Categoria deste produto:** Didática

**Finalidade:** Auxiliar professores e profissionais com atuação em qualquer nível, nas práticas de leitura literária no contexto da Educação Básica.

**Organização do Produto:** O produto foi estruturado em 13 capítulos, a fim de inspirar educadores, alunos e a comunidade escolar com o incentivo e a promoção da leitura no contexto das escolas públicas.

**Registro do Produto:** Biblioteca Nilo Peçanha do Instituto Federal do Espírito Santo, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo - IFES, Campus Vitória.

**Disponibilidade:** Irrestrita, mantendo-se o respeito à autoria do produto, não sendo permitido uso comercial por terceiros.

**Divulgação:** Meio digital

**URL:** Produto disponível no site do PPGEH: <https://ppgeh.vitoria.ifes.edu.br/>

**Idioma:** Português

**Cidade:** Vitória

**País:** Brasil

**Ano:** 2024

**Origem do Produto:** Trabalho de Dissertação intitulado “ENSINO DE HISTÓRIA E LITERATURA DE TESTEMUNHO: DIÁLOGOS POSSÍVEIS NO ENSINO FUNDAMENTAL II”, desenvolvida no Mestrado Profissional em Ensino de Humanidades, do Instituto Federal do Espírito Santo.

**Agradecimentos:** Ao PPGEH, aos Professores participantes, alunos e voluntários.

## INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

JADIR JOSÉ PELA  
*Reitor*

ANDRÉ ROMERO DA SILVA  
*Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação*

RENATO TANNURE ROTTA DE ALMEIDA  
*Pró-Reitor de Extensão e Produção*

ADRIANA PIONTTKOVSKY BARCELLOS  
*Pró-Reitora de Ensino*

LEZI JOSÉ FERREIRA  
*Pró-Reitor de Administração e Orçamento*

LUCIANO DE OLIVEIRA TOLEDO  
*Pró-Reitor de Desenvolvimento Institucional*

## IFES – CAMPUS VITÓRIA

HUDSON LUIZ COGO  
*Diretor Geral do Campus Vitória – Ifes*

LUCIANO LESSA LORENZONI  
*Diretor de Ensino*

TELMA CAROLINA SMITH  
*Diretora de Extensão*

ROSENI DA COSTA SILVA PRATTI  
*Diretora de Administração*

ANDRÉ GUSTAVO DE SOUSA GALDINO  
*Diretor de Pesquisa e Pós-Graduação*

NELSON MARTINELLI FILHO  
*Coordenador do PPGEH*

# AUTORES

## LUIZ DE SOUZA PORTO COÊLHO



Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Ensino de Humanidades (PPGEH/IFES). Licenciado e Bacharel em História pela Universidade Federal do Espírito Santo (2015) e licenciado em Filosofia pela Faculdade Católica Salesiana do Espírito Santo (2012). Professor de História na Secretaria de Estado de Educação do Espírito Santo (SEDU/ES) e na Secretaria Municipal de Educação de Vila Velha - ES (SEMED/VV). Membro do grupo de pesquisa "O Círculo de Bakhtin e as pesquisas sobre a leitura literária: diálogos necessários na educação básica". Áreas de interesse: teoria e metodologia do Ensino de História; literatura; totalitarismo; autoritarismo; Segunda Guerra Mundial; Literatura de Testemunho; cotidiano, cultura e sexualidade.

## LETÍCIA QUEIROZ DE CARVALHO



Professora do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo (IFES), com lotação no campus Vitória e atuação na Área de Letras e Educação, na graduação presencial em Letras-Português, na graduação a distância em Letras-Português e nos Programas de Pós-Graduação em Ensino de Humanidades (PPGEH) e Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS). Pós-doutora em Educação pela Universidade Federal Fluminense - UFF (2022), Doutora em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo - UFES (2012); Mestre em Estudos Literários pela UFES (2004) e Licenciada em Letras-Português pela UFES (1999). Integra o Grupo de Estudos Bakhtinianos (GEBAXH - UFES). É líder do grupo de pesquisas Núcleo de Estudos em Literatura e Ensino (IFES-Campus Vitória).

# APRESENTAÇÃO

O livro paradidático, *As aventuras de Jano pela História: entre memórias e textos*, elaborado como recurso educacional para o Mestrado Profissional em Ensino de Humanidades, do Instituto Federal do Espírito Santo – Campus Vitória – situou-se na linha de pesquisa “Formação de Professores no Ensino de Humanidades”, sob a orientação da professora Dra. Letícia Queiroz de Carvalho, a partir do trabalho de dissertação intitulado “ENSINO DE HISTÓRIA E LITERATURA DE TESTEMUNHO: DIÁLOGOS POSSÍVEIS NO ENSINO FUNDAMENTAL II”, cujo objetivo nuclear foi propor diálogos e possibilidades de integração entre o Ensino de História e a Literatura de Testemunho no Ensino Fundamental, de modo a potencializar a leitura e a produção do conhecimento histórico.

Tomou como referencial teórico os constructos de Ensino de História (Bittencourt, 2018; Pesavento, 2005), Literatura de Testemunho (Seligmann-Silva, 2006, 2008; Salgueiro, 2012, Gagnebin, 2006), Formação de Professores (Freitas, 2021; Geraldi, 2021) e Grande Tempo (Bakhtin, 2017). A pesquisa teve como abordagem metodológica a base qualitativa e do tipo pesquisa participante (Brandão, 2006), no formato de círculos dialógicos com professores de História e Língua Portuguesa.

Jano, o personagem que representa o elo entre o passado e o presente, tal qual a divindade bifronte da mitologia romana (Janus ou Jano), percorre a história quando viaja no tempo ao encontro de personagens e autores emblemáticos de textos testemunhais que nos remetem a experiências históricas traumáticas e marcantes em nosso cenário e em outros espaços, reavivando a nossa memória social.

Os contos que compõem este produto educacional foram construídos a partir da interlocução com personagens e autores representativos da Literatura de Testemunho e lidos coletivamente com professores da área de Humanidades de uma escola municipal da rede pública de ensino do município de Vila Velha (ES), em um processo formativo proposto pelos pesquisadores, de modo a subsidiar as práticas desses docentes do Ensino Fundamental no Ensino de História e Literatura.

Ao final, o roteiro de realização dos encontros com os docentes é apresentado, para que outros professores de Humanidades possam se inspirar e pensar em possíveis ações de leitura literária nas aulas de História, destacando-se as potencialidades do trabalho com os textos literários testemunhais nas aulas de História, Literatura, Artes, Filosofia e outras áreas afins.

Boa leitura!  
Os autores

# SUMÁRIO

|                                 |    |
|---------------------------------|----|
| Um dia quente e entediante..... | 09 |
| Primo Levi.....                 | 11 |
| Alexander Soljenítsin.....      | 15 |
| Anne Frank.....                 | 19 |
| Carolina Maria de Jesus.....    | 23 |
| Graciliano Ramos.....           | 27 |
| Pierre Seel.....                | 31 |
| K. ....                         | 35 |
| Alex Polari.....                | 40 |
| Claudio Daniel.....             | 44 |
| Manhã de Sábado.....            | 48 |
| O Grande Encontro.....          | 52 |

## SUGESTÕES PARA O TRABALHO PEDAGÓGICO COM OS CONTOS O LUGAR DO TESTEMUNHO NAS HUMANIDADES

|                                                                                          |    |
|------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| 1º ENCONTRO:<br>“O QUE É LITERATURA DE TESTEMUNHO?”.....                                 | 56 |
| 2º ENCONTRO:<br>“VIOLÊNCIA POLÍTICA E VOZES<br>SILENCIADAS NAS DITADURAS DO BRASIL”..... | 60 |
| 3º ENCONTRO:<br>“INTOLERÂNCIA E DESUMANIZAÇÃO”.....                                      | 64 |
| 4º ENCONTRO:<br>“EXCLUSÃO E VIOLÊNCIA SOCIAL”.....                                       | 67 |

# Um dia quente e entediante

Aquela tarde estava quente. Não havia vento e o calor estava na casa dos trinta graus. Além disso, dos quatro ventiladores apenas dois estavam funcionando. Dava para sentir o suor escorrer pelas costas. Jano estava absorto em seus pensamentos. Viajava para muito longe daquela sala, quando de repente ouve uma voz impaciente:

- João Antônio? João Antônio!

Aquele era o nome de nascimento de Jano. Ele foi batizado como João Antônio, mas desde que a sua irmã começou a falar, seu nome passou a ser Jano. A menininha, oito anos mais jovem que o irmão, não conseguia falar “João Antônio”. Por isso, chamava o irmão de “Jano”. Aos poucos os pais de Jano também estavam chamando-o assim. Depois foi a vez dos outros familiares. Os amigos foram os próximos. Por fim, todos os que conheciam Jano sequer sabiam que seu nome de batismo era João Antônio. Apenas a professora de matemática o chamava assim.

- Presente, professora.

- Não é chamada, João, Antônio. Eu quero ver seu dever de matemática. Pode trazer para eu corrigir?

Nessa hora Jano sentiu um frio na barriga. Mais uma vez esquecera de fazer o dever de matemática. Porém, agora não conseguia pensar em nenhuma desculpa por não ter feito as atividades. Ele já havia utilizado todos os pretextos nos deveres anteriores.

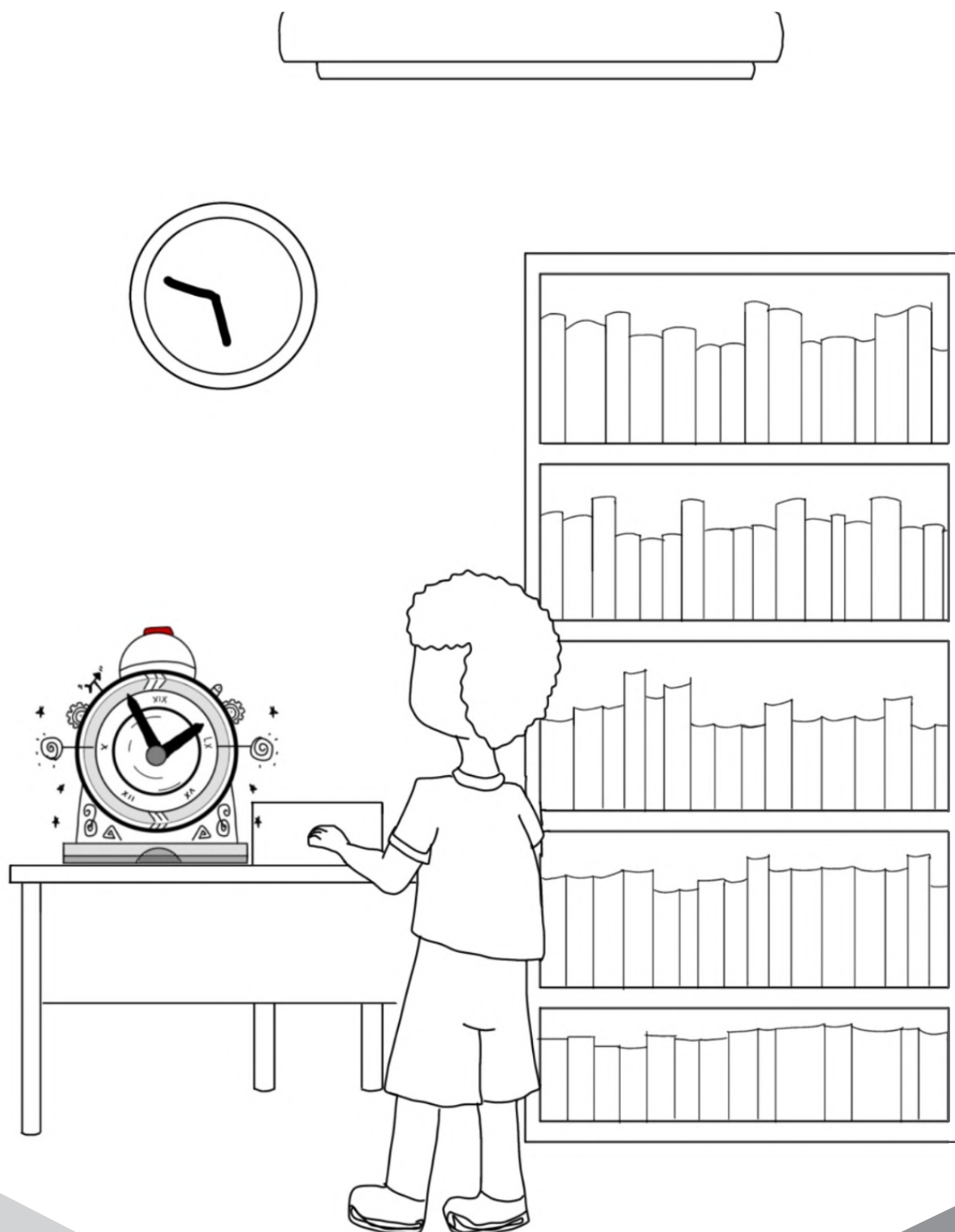
- Desculpa, professora. Eu não consegui terminar.

A professora, já sem paciência, tomou uma decisão:

- João Antônio, você vai para a biblioteca. Vai ficar lá até terminar a atividade por completo. Vou avisar ao coordenador. Você só poderá voltar quando houver concluídos todos os cálculos.

- Tudo bem, professora. Desculpa.

Jano juntou seu material e saiu rumo à biblioteca. Ele saiu triste da sala, porém logo lembrou que não seria tão ruim assim. Afinal, ele gostava de estudar, mas definitivamente matemática não era a sua matéria preferida. Ele gostava de história, geografia, língua portuguesa, literatura, e até ciências!, mas a matemática não entrava nesse pódio... Jano ainda não sabia, mas naquela tarde a sua vida se transformaria para sempre.



# Primo Levi

Jano chegou à biblioteca ainda com um misto de sentimentos: indignado por ter sido colocado para fora da sala, mas feliz porque gostava da biblioteca. Havia algo de mágico na biblioteca da pequena escola onde Jano estudava. Era um lugar repleto de livros antigos, cheios de histórias e segredos. Além disso, era sempre um lugar pouco frequentado, o que lhe garantia momentos de tranquilidade e privacidade.

Naquela tarde, enquanto resolvia as equações matemáticas que não havia feito em casa, os olhos de Jano se depararam com uma prateleira repleta de livros sobre a Segunda Guerra Mundial, tema histórico que ele mais gostava de estudar. Imediatamente Jano soltou o lápis da mão e foi explorar aquele tesouro. Folheando os livros, ele descobriu um velho livro escondido nas prateleiras mais altas. Dentro dele, havia um diagrama detalhado de uma máquina do tempo.

Curioso e empolgado com a descoberta, Jano decidiu investigar mais a fundo. Ele montou corajosamente a máquina seguindo as instruções do livro e, com um toque ansioso no botão principal, a máquina do tempo ganhou vida, emitindo um zumbido suave enquanto se preparava para transportar Jano através das eras.

Quando a máquina finalmente se estabilizou, Jano se viu em um lugar sombrio e assustador. Era úmido e fétido. Ele estava dentro de um campo de concentração durante a Segunda Guerra Mundial. O cheiro de desespero e dor pairava no ar, e Jano mal podia acreditar no que via ao seu redor.

Foi então que ele avistou um homem magro e cansado, mas de olhos vivos e inteligentes, caminhando lentamente pelo campo. Ele estava vestido com uma espécie de pijama branco com listras azuis. Além disso, havia uma Estrela de Davi costurada na altura do peito.

Jano se aproximou com cautela e medo, e aquele homem, surpreso ao ver um menino desconhecido ali, acenou para ele se aproximar. Assustado com aquele ambiente estranho, Jano se aproximou com cautela. O homem, então, perguntou:

- Quem é você? Como entrou aqui? Esse barracão é só para adultos.

Jano explicou quem ele era e como havia parado ali. Mesmo com medo, Jano sentiu

confiança naquele homem e, ansioso para entender onde estava, disparou várias perguntas ao mesmo tempo:

- Senhor, qual o seu nome? Que lugar é esse? Por que todos estão vestidos com pijama?

Primo Levi, gentilmente, concordou em falar com Jano. Sentaram-se juntos em um canto mais tranquilo do barracão, longe dos olhares curiosos e das sombras opressoras dos guardas.

- Pronto, aqui estamos um pouco mais seguros. Dentro desse lugar tudo é perigoso. Eu sou Primo Levi. Aqui é um campo de concentração nazista que fica em Auschwitz, na Polônia. É para cá que os nazistas mandam os prisioneiros que eles querem exterminar.

- Mas por que eles querem matar vocês? Retrucou Jano assustado.

- Porque somos judeus. Essa estrela costurada no uniforme é a Estrela de Davi, um símbolo do meu povo que eles usam para nos identificar. Os nazistas acham que somos de uma raça inferior e, por esse motivo, somos uma ameaça à raça ariana deles. Por isso eles querem nos exterminar.

O escritor italiano começou a contar a história de sua prisão e de como ele, e tantos outros, foi perseguido, preso, deportado da Itália e tratado cruelmente pelos nazistas. Ele contou que vários amigos, parentes e conhecidos foram presos e assassinados dentro do campo de concentração.

- Por enquanto, eu ainda estou vivo porque sou útil para eles. Mas a qualquer momento eu posso ter o mesmo destino de vários outros que foram trazidos para cá.

- Mas por que vocês não fogem? Perguntou Jano.

- É impossível, respondeu Primo Levi. Aqui nós somos vigiados o tempo inteiro. Além disso, se fugirmos, certamente alguém vai nos identificar e denunciar para os nazistas. Se nos pegarem de novo, será muito pior. Você está vendo aquela fumaça saindo pela chaminé? Esse é o único jeito de sair daqui.

Jano ouvia tudo atentamente, com lágrimas nos olhos e um nó na garganta. Ele ficou se perguntando como o ser humano poderia ser tão cruel. Por que tanto ódio? Por que tratar outro ser humano como se fosse um nada?

Primo Levi falou sobre a importância de lembrar e compartilhar essas histórias para que

elas nunca se repitam. Nesse momento, um oficial nazista entrou no barracão batendo com um porrete nas paredes de madeira. Aquele era o sinal de que os prisioneiros deveriam sair para os trabalhos forçados.

Primo Levi empurrou Jano debaixo da cama. Jano ficou ali, imóvel, de olhos fechados e quase sem respirar. Quando abriu os olhos novamente, Jano não estava mais no barracão fétido. Ele estava de volta no chão da biblioteca.

Muito entristecido e aterrorizado com o que ouviu, Jano retornou à sua própria época, levando consigo não apenas as lembranças do encontro com Primo Levi, mas também um profundo senso de responsabilidade para com o passado e o futuro.

Ele sentia o peso da história sobre seus ombros. Antes de voltar para casa, Jano prometeu a si mesmo que nunca esqueceria aquele encontro e que faria o possível para manter viva a memória daqueles que sofreram durante a guerra. Era preciso ter consciência das barbáries daqueles tempos tão sombrios para evitar que aconteça outra vez.



# Alexander Soljenítsin

Numa tarde silenciosa na biblioteca, espaço cada vez menos utilizado, Jano voltou a se deparar com a máquina do tempo, como se ela o chamasse para mais uma aventura pelo tempo. Com um misto de empolgação e apreensão, ele ajustou os controles e apertou o botão, dando início à jornada.

Quando a máquina finalmente se estabilizou, Jano se viu em meio a um cenário gélido e desolador, cercado por arames farpados e torres de vigia. Ele havia sido transportado para um Gulag na União Soviética durante o regime de Stalin.

Era muito frio! Era congelante. Naquele dia faziam -20C°. Jano jamais havia sentido frio como aquele. Ele já não sentia mais os dedos e estava perdendo a consciência quando um homem robusto, de olhar penetrante e semblante determinado, que trabalhava pesadamente sob a vigilância dos guardas o encontrou. Era Alexander Soljenítsin, um escritor e dissidente político da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS).

Soljenítisin pegou Jano no colo e o levou até o barracão, próximo a uma fogueira improvisada, e colocou cobertores sobre aquele menino desfalecido. Aos poucos Jano foi recobrando a consciência, enquanto ouvia uma voz longínqua:

- Acorda, garoto, acorda!

Jano finalmente acordou assustado, mas com o corpo ainda todo dolorido. Sentia sua consciência voltar aos poucos. Seus dedos já se mexiam novamente. Quando ele viu aquele homem barbudo e encapotado, logo perguntou:

- Quem é você? Onde estamos? Estou com muito frio.

- Eu sou Alexander. Você está no interior do Cazaquistão, num gulag, um campo de trabalho forçado da União Soviética. Aqui é um lugar para onde são enviados os prisioneiros acusados de traírem a Revolução. Mas como você veio parar aqui? Indagou Soljenítsin.

- Essa é uma longa história. Acho que o senhor não acreditaria em mim. Mas eu encontrei uma máquina que me faz viajar no tempo. Essa é a segunda vez que eu viajo. E vim parar aqui.

- Claro que sim! Um viajante no tempo. Soljenítsin riu discretamente, mas fingiu acreditar na história de Jano.

Jano, já recuperado, sentou-se e perguntou a Soljenítsin se poderia conversar com ele por um momento, pois gostaria de conhecer mais sua história. O escritor concordou, vendo no olhar do menino uma sede genuína por conhecimento. No entanto, Soljenítsin alertou Jano de aquele lugar era extremamente perigoso. Eles estavam sendo vigiados constantemente. E qualquer fala poderia ser interpretada pelos soldados como traição ao regime.

Soljenítsin arranhou agasalhos adequados para Jano e os dois foram para um lugar mais seguro. Sentaram-se num canto remoto do campo, longe dos ouvidos indesejados. Jano, com olhos curiosos, perguntou a Soljenítsin sobre os motivos que o levaram a ser perseguido e preso pelo regime soviético, bem como sobre as condições desumanas do Gulag.

Soljenítsin, com voz firme e serena, começou a narrar sua história. Ele explicou como passou de comandante do Exército Vermelho na Segunda Guerra Mundial para um prisioneiro em seu próprio país, a União Soviética. Soljenítsin explicou que ainda durante a Guerra, quando os Aliados estavam quase vencendo os nazistas, ele escreveu uma carta a um amigo falando sobre a necessidade de um novo governo soviético. A carta foi interceptada pela NKVD, a polícia secreta soviética.

- Quando eu voltei da Guerra, logo fui preso e acusado de traição. Mal tive a chance de ter um julgamento justo. Eu sabia que seria condenado. Stálin é implacável com aqueles que ele considera “inimigos”, disse Soljenítsin.

- E há quanto tempo o senhor está preso aqui? Perguntou Jano.

- Já faz anos. Aqui o tempo não passa e a gente perde a noção do tempo. Não existem os dias, existem apenas neve, trabalho e dor.

Ele compartilhou os horrores vivenciados no Gulag, desde as longas jornadas de trabalho sob condições precárias até a falta de comida e as punições cruéis dos guardas. Soljenítsin contou como muitos morrem nesses campos. Alguns de frio, outros de fome.

- Eu mesmo quase morri. Há algum tempo eu tive um tumor. Meus pedidos para ser tratado por um médico foram rejeitados. Só quando eu já estava muito mal os guardas me

levaram até a cidade. Retiraram o meu tumor e me deram medicamentos. Eu sobrevivi. Mas não dá para saber até quando. Mesmo assim eu ainda acredito que serei liberto quando terminar de cumprir a minha pena.

Enquanto ouvia atentamente, Jano sentia um misto de tristeza e admiração pela esperança e resiliência de Soljenítsin. Ele entendia agora, de forma mais vívida, a importância da liberdade de expressão e da luta pela justiça.

Depois de horas de conversa, Jano agradeceu profundamente a Soljenítsin por compartilhar seus relatos e por ser um símbolo de resistência em tempos opressivos.

Ao retornar à sua própria época, Jano levou consigo não apenas as memórias do encontro com Soljenítsin, mas também um novo senso de determinação para defender os valores da liberdade e da dignidade humana em qualquer contexto.



# Anne Frank

Jano estava cada vez mais fascinado pela máquina do tempo e suas viagens através das eras. Dessa vez, ele ajustou os controles com determinação e apertou o botão, preparando-se para sua próxima aventura no tempo. Ele estava ansioso para descobrir para qual época e lugar ele iria dessa vez.

Quando a máquina finalmente parou, Jano se viu em um cômodo escuro, iluminado por apenas uma vela. Jano subiu uma estreita e íngreme escada na lateral do cômodo que levava até um sótão. Ao chegar ao sótão, avistou uma menina sentada à mesa. Ela estava escrevendo algo sob a lânguida luz de uma vela.

Ele se aproximou com cautela para não assustá-la. Mas todo o cuidado não foi suficiente. Quando ela viu aquele menino que surgiu do nada, ela se assustou e fechou seu caderno rapidamente. Com os olhos refletindo seu medo, a menina tentou fugir. Jano, no entanto, tranquilizou-a, mostrando que ele não representava um perigo.

- Calma, calma. Eu não vou te fazer mal. Na verdade eu também estou com medo. Não sei que lugar é esse. Está tudo muito escuro.

Ainda desconfiada, porém curiosa, a menina se aproximou de Jano com cautela e perguntou:

- Mas como você entrou aqui?

- Na verdade eu não sei te dizer. Eu estava na biblioteca da minha escola. Lá eu encontrei uma máquina do tempo que me transporta para o passado. Sempre que eu aciono o botão da máquina, eu sou transportado para um lugar diferente e encontro alguém.

- Que legal. Eu adoraria ter uma máquina do tempo para sair daqui! Qual é o seu nome?

- Jano. E o seu?

- Anne. Anne Frank.

- Por que você disse que gostaria de ter uma máquina do tempo para sair daqui? Perguntou Jano.

- Já tem quase dois anos que eu e minha família estamos escondidos aqui. A coisa que eu mais queria era poder voltar a frequentar minha escola, sentir o vento, andar na rua e sentir o sol tocar na minha pele.

- Mas por que vocês estão trancados aqui há tanto tempo? Indagou Jano.

Anne, então, decidiu compartilhar sua história com aquele menino curioso. Ela contou que nasceu em Frankfurt, na Alemanha. Mas que depois dos nazistas tomarem o poder, a situação naquele país ficou muito difícil para as pessoas de origem judaica. Então ela e sua família, assim como tantas outras, fugiram da Alemanha para outros países.

Anne contou que seu pai decidiu se mudar para Amsterdã, nos Países Baixos, pois acreditava que ali seria um lugar seguro. Entretanto, pouco tempo depois começou a Segunda Guerra Mundial. Durante a guerra, a Alemanha invadiu os Países Baixos e a antiga segurança para os judeus naquele país desapareceu.

- Para não sermos presos e enviados para os campos de concentração, minha família veio se esconder nesse Anexo Secreto, nos fundos do antigo escritório do meu pai. Alguns amigos do meu pai nos ajudam a ficar escondidos aqui.

Jano perguntou a Anne sobre sua experiência vivendo escondida e sobre os desafios que enfrentaram durante aquele período de medo e incerteza. Anne compartilhou detalhes sobre a vida no esconderijo, as dificuldades de se manterem em silêncio e a esperança que mantinham mesmo nas horas mais sombrias.

- Os piores momentos aqui são quando os aviões sobrevoam a cidade e lançam bombas. O barulho é assustador. Eu fecho meus olhos e peço a Deus para nenhuma bomba atingir o Anexo Secreto. A sensação é horrível, porque não podemos ir a lugar algum. Se sairmos, os soldados nazistas nos pegam. O que nos resta é torcer para nenhuma bomba nos atingir.

Apesar de todas as adversidades, Anne falou sobre seus sonhos, seus sentimentos, suas aspirações e sua fé na humanidade. Anne também expressou sua vontade de ser uma escritora famosa no futuro.

Jano ouvia cada palavra de Anne com admiração e tristeza, consciente da magnitude da história que estava presenciando. Ele sentia a coragem e a resiliência de Anne, assim como a injustiça e a brutalidade do tempo em que ela viveu.

Depois de bastante tempo de conversa no sótão do esconderijo, as bombas começaram a explodir na cidade. Anne e Juno se abraçaram com medo, e ambos começaram a chorar. As explosões duraram mais de uma hora. Quando o bombardeio passou, Jano agradeceu a Anne por compartilhar sua história e por ser um exemplo de força e esperança.

Jano se despediu de Anne, pois precisava voltar. Já havia passado muito tempo. Durante a despedida, a menina perguntou:

- Será que eu posso viajar no tempo com você?

- Eu acho que não. Mas podemos tentar. Você quer? Respondeu Jano entusiasmado.

Aquilo era tudo o que Anne mais queria. Mas ela refletiu um pouco e lembrou-se de toda a sua família. Sentiu um aperto no peito. Ela não poderia deixar seu pai, sua mãe, sua irmã e seus amigos. Jano e Anne se abraçaram e se despediram.

Em questão de segundos o cenário todo se transformou. Jano estava outra vez na biblioteca da escola. O encontro com Anne Frank despertou em Jano um profundo senso de responsabilidade para com a memória daqueles que sofreram durante a guerra. Jano fez uma promessa para si mesmo de nunca esquecer essas histórias e lutar por um mundo mais justo e compassivo.



# Carolina Maria de Jesus

Numa tarde ensolarada, Jano estava sozinho na biblioteca da escola durante o recreio. Mais uma vez ele se aventurou na máquina do tempo, ansioso por aprender mais sobre o mundo e suas histórias. Jano apertou o botão da máquina do tempo. Alguns segundos depois ele estava na Favela do Canindé, em São Paulo, nos anos 1950.

Enquanto caminhava pelas estreitas vielas e pelos becos da favela, ele se deparou com uma mulher forte e determinada, que cativava a atenção de todos ao seu redor com suas palavras e ações. Ela estava carregando sacos com papelão e latinhas de alumínio. Era Carolina Maria de Jesus, uma moradora da favela. Curioso e respeitoso, Jano se aproximou de Carolina e puxou assunto:

- Boa tarde, senhora!

- Boa tarde, menino! Qual seu nome?

- Jano. E a senhora?

- Carolina.

Jano, então, perguntou se poderia conversar com ela sobre sua vida na favela e suas experiências. Carolina achou estranho aquele pedido, mas com um sorriso acolhedor concordou em compartilhar um pouco de sua história.

- Vamos lá no meu barracão. Eu não tenho muito o que oferecer. Mas não falta alegria. Você vai gostar dos meus meninos.

Os dois caminharam mais um pouco até chegar ao local onde Carolina morava. Chegando lá, Jano encontrou os filhos de Carolina brincando na frente do barracão. Eles eram muito alegres e simpáticos, apesar de muito magros. Jano brincou um pouco e se sentou em um banco, onde Carolina estava sentada. Ela começou a falar sobre sua vida na favela:

- Você não imagina como é viver na favela. Todos os dias, a vida é uma luta constante. Acordo cedo, antes do sol nascer, para conseguir água na bica comunitária. O caminho é longo e o balde pesa, mas não posso desistir. Meus filhos precisam de água para beber e

cozinhar. A pobreza é uma sombra que nos acompanha o tempo todo.

- Mas a senhora sempre morou aqui?

Ela contou que veio do interior de Minas Gerais, buscando uma vida melhor em São Paulo. Mas a cidade grande lhe mostrou uma realidade cruel. Com poucos dias, e sem encontrar emprego, Carolina foi parar na favela do Canindé.

- Aqui, as casas são feitas de madeira e papelão, uma sobre a outra, quase sem espaço para respirar. Quando chove, a água entra pelos buracos e transforma tudo em lama. Muitas vezes, fico acordada à noite, preocupada com o teto que pode desabar a qualquer momento.

- E como é viver aqui?

- A vida é dura, mas tenho meus livros e meu caderno. Ah, como eu gosto de escrever! Quando pego o lápis, parece que esqueço um pouco da miséria ao meu redor. Escrevo sobre tudo que vejo e vivo: o barulho das crianças brincando na rua, o cheiro forte do lixo que se acumula, as histórias tristes dos vizinhos que perderam a esperança. Meu diário é meu escape, minha forma de resistir e sonhar com um futuro melhor.

Vera Eunice, filha de Carolina, interrompeu a conversa dos dois e disse à mãe que estava com fome. Perguntou o que tinha para comer. Carolina não conseguiu responder. Só uma lágrima escorreu pelo seu rosto. Naquele dia ela não tinha conseguido catar muita coisa na rua. Mas disse à filha que mais tarde iria à mercearia para ver se conseguia um pouco de feijão fiado. Voltando-se para Jano, Carolina continuou:

- A fome é uma velha conhecida. Muitas vezes, não temos o que comer. Faço malabarismos para conseguir um pouco de feijão e farinha. Meus filhos reclamam, choram de fome, e meu coração se aperta. Tenho que ser forte por eles. Recoelho papel nas ruas para vender e ganhar uns trocados. Não é fácil, mas não tenho escolha. Você já sentiu fome, Jano?

- Não, dona Carolina.

- A fome é amarela, Jano. Quando você não tem o que comer, você começa a ver tudo amarelo: o céu, as árvores, as aves. Tudo.

Jano se entristeceu com o relato. Ficou imaginando como era ter fome e não ter o que

comer. Nessa hora uma lágrima também desceu pelo rosto de Jano. Ele disse:

- Dona Carolina, eu não sei nem o que dizer. Infelizmente eu não tenho como ajudar.

- Não precisa, Jano. Mesmo na pobreza, existem momentos de alegria. Quando conseguimos um pouco de comida diferente, como um pedaço de carne ou uma fruta, é uma festa. As crianças riem, brincam e, por um momento, esquecem a fome. Esses momentos me dão força para continuar.

Jano perguntou se não haveria alguma forma de mudar aquela realidade ou alguém a quem eles pudessem recorrer, pois aquela situação era muito injusta. Carolina respondeu:

- A favela também é cheia de injustiças. Somos esquecidos pelo governo, tratados como se não existíssemos. Quando a polícia vem, é para bater ou prender alguém, nunca para ajudar. Mas nós resistimos. Criamos uma comunidade forte, onde um ajuda o outro. Quando alguém adoece, todos se mobilizam. Compartilhamos o pouco que temos, porque sabemos que juntos somos mais fortes.

Depois de algum tempo conversando com Jano, Carolina disse que precisava ir à mercearia antes de anoitecer. Ela se despediu com um abraço forte e carinhoso. Disse para Jano voltar outras vezes, pois seria sempre bem-vindo. Antes de ir, porém, Carolina falou novamente sobre o seu diário.

- Escrever me dá esperança. Penso que, talvez, um dia alguém leia minhas palavras e entenda nossa luta. Quero mostrar ao mundo que, mesmo na miséria, somos gente, temos sonhos, sentimos amor e dor. Quero que meus filhos tenham um futuro diferente, que possam estudar, trabalhar e viver dignamente. Então, continuo escrevendo, lutando e sonhando. Porque, mesmo na escuridão da favela, a esperança é a última que morre.

Depois de uma conversa enriquecedora, Jano agradeceu a Carolina por compartilhar sua perspectiva e por ser uma voz tão poderosa em meio às adversidades. Ele prometeu levar consigo as lições aprendidas e continuar a lutar por um mundo mais justo e inclusivo para todos.

De volta ao seu próprio tempo, Jano carregava não apenas as memórias do encontro com Carolina Maria de Jesus, mas também um profundo respeito e empatia pelas experiências das pessoas que vivem em comunidades marginalizadas. Aquele encontro despertou nele o compromisso de sempre lutar por justiça e solidariedade.



# Graciliano Ramos

A última aula daquela tarde seria vaga, pois o professor não estava se sentindo bem e teve que ir embora. Os alunos deveriam esperar o horário de ir embora. Jano aproveitou aquele momento livre e correu para a biblioteca. Ele estava ansioso, pois havia muito tempo que não viajava no tempo através da máquina que havia encontrado.

Jano apertou o botão da máquina e, alguns instantes depois, encontrou-se transportado para uma cela escura e abafada em meio a um regime ditatorial no Brasil. Ali, diante de seus olhos, estava Graciliano Ramos, um dos maiores escritores brasileiros do século XX, mas naquele momento, um prisioneiro político durante o governo de Getúlio Vargas.

Ele reconheceu aquele homem de pronto. Afinal, ele já havia estudado sobre Graciliano nas aulas de língua portuguesa. Inclusive Jano havia lido *Vidas Secas* recentemente. A saga da família de Fabiano e sua cadela, Baleia, estava viva em sua memória.

Ao entrar na cela, Jano viu Graciliano Ramos sentado num canto, escrevendo em um pequeno caderno com uma determinação que contrastava com a atmosfera sombria ao redor. Com cautela e respeito, Jano aproximou-se e perguntou se poderia conversar com o renomado escritor.

Graciliano, surpreso com a presença do garoto, acenou com a cabeça em consentimento. Jano perguntou sobre as circunstâncias que o levaram à prisão e sobre a vida naquele ambiente opressivo.

- Você me pergunta por que estou aqui, encarcerado, e eu lhe respondo com uma mistura de amargura e resignação. Fui preso em fevereiro de 1936, arrancado de minha casa em Maceió sem qualquer acusação formal, levado pelos homens do governo como se fosse um criminoso perigoso. Dizem que sou subversivo, que conspiro contra o regime, mas a verdade é que meu único crime foi pensar e escrever, ser uma voz crítica num país que se afunda cada vez mais no autoritarismo.

- Se o senhor é inocente, por que permanece preso?

- Acusam-me de ser comunista.

- Mas isso é crime?

- Não deveria, meu jovem! Mas no governo Vargas os comunistas foram considerados perigosos inimigos. Por isso eu vim parar aqui.

Reparando as péssimas condições daquela cela, que se parecia mais com um porão escuro, Jano perguntou como eram as condições de vida dentro da prisão. Graciliano respondeu com tristeza:

- A vida aqui na prisão é uma tortura contínua, uma provação que testa os limites da minha sanidade. As celas são pequenas, sujas e abarrotadas. Divido o espaço com outros desgraçados, homens que, como eu, foram apanhados na rede arbitrária do governo. O ar é pesado, a umidade gruda na pele, e o cheiro de mofo e suor é constante. A luz do sol é um luxo raro, algo que só vemos em curtos intervalos, quando nos permitem sair para o pátio.

- Essa cumbuca que está ao lado do senhor é a sua comida? Perguntou Jano.

- Sim, hoje eu não consegui comer. A comida é miserável. Recebemos uma ração insuficiente, um caldo ralo e pedaços de pão duro que mal sustentam nossos corpos enfraquecidos. A fome é uma companheira constante, uma dor que não desaparece. A água que bebemos é suja, e muitos de nós adoecemos por causa disso. O atendimento médico é praticamente inexistente; somos deixados à nossa própria sorte, à mercê das enfermidades que se espalham pelo cárcere.

O escritor alagoano conta para Jano que as noites são os piores momentos no cárcere. O silêncio é quebrado pelos gritos de outros prisioneiros, atormentados por pesadelos ou pela loucura que se instala lentamente.

Graciliano Ramos pegou seu caderno de anotações e o mostrou a Jano. Contou que mesmo no cárcere continuava a escrever. Ele falou sobre a importância da literatura como forma de resistência e de preservação da dignidade humana em tempos de tirania.

- Tento escrever, registrar cada detalhe desta existência miserável, mas é difícil encontrar paz para pensar, para articular meus pensamentos em palavras. Escrever é meu único escape, a única forma de manter minha mente ativa e afastar a desesperança.

O escritor contou que os interrogatórios são uma tortura à parte. Os prisioneiros são chamados, um a um, para salas escuras onde homens sem rosto os bombardeiam com

perguntas. Querem que confessem crimes que não cometeram, que delatem amigos e conhecidos.

- Resisto como posso, mas a pressão é enorme. Eles querem me quebrar, querem me transformar em um traidor, mas não me darei por vencido. Meu espírito é minha última fortaleza, e lutarei para mantê-lo intacto.

- Eu estou fascinado com a resiliência do senhor. Mesmo em uma situação tão ruim ainda tem esperança.

- Sim, meu jovem. Mesmo nas condições mais adversas, tento manter a esperança. Sei que minha luta é a luta de muitos, e que minha voz, embora calada aqui dentro, pode ainda ressoar lá fora. Escrevo minhas memórias como um testemunho, uma denúncia contra a injustiça que nos oprime. Um dia, espero que estas palavras sejam lidas e que nosso sofrimento não seja em vão. E assim, sobrevivo. Um dia de cada vez, uma página de cada vez, mantendo acesa a chama da resistência.

Jano ouvia atentamente, absorvendo as lições de coragem e perseverança que Graciliano transmitia em suas palavras. Ele sentia a urgência de preservar as liberdades individuais e de lutar contra a opressão em todas as suas formas.

Depois de um tempo, Jano agradeceu profundamente a Graciliano Ramos por compartilhar suas experiências e por ser um exemplo de integridade e coragem em tempos difíceis. O menino avisou que precisava voltar para casa. Os dois se despediram.

Novamente em sua própria época, e dentro da biblioteca da sua escola, Jano sentia necessidade de se comprometer ainda mais com a defesa dos direitos humanos e a liberdade de expressão, inspirado pela força e pela voz do escritor que enfrentou a prisão por suas convicções.



# Pierre Seel

Jano estava cada vez mais encantado pela máquina do tempo que encontrou na biblioteca. Viajar no tempo e conhecer o passado era algo fascinante para aquele menino. Além disso, conhecer o testemunho de todas aquelas pessoas que ele encontrava fazia crescer nele o desejo de lutar por um futuro melhor para todas elas.

Jano apertou o botão da máquina para começar outra viagem. Em questão de segundos, Jano se encontrou transportado para um sombrio campo de concentração nazista durante a Segunda Guerra Mundial. Era um lugar de horror e desespero, onde vidas eram esmagadas pela máquina implacável do regime nazista.

Ele logo identificou que se tratava de um campo de concentração nazista, pois lembrou da sua primeira viagem, quando encontrou Primo Levi. Ele até pensou que encontraria o judeu italiano novamente. No entanto, dentro do barracão só havia um jovem cabisbaixo, sentado no canto. Aquele rapaz usava uma espécie de pijama listrado azul e branco, tal qual Primo Levi. Jano se aproximou vagarosamente e puxou assunto.

- Boa tarde, moço! Qual é o seu nome? Perguntou Jano.

Mesmo reticente e estranhando a presença daquele menino no barracão, Pierre Seel respondeu:

- Boa tarde, garoto! Meu nome é Pierre Seel. E o seu?

- Eu sou Jano. Posso te fazer uma pergunta? Aqui é um campo de concentração nazista? Eu já estive em um campo e conheci um senhor que usava um uniforme parecido com o seu.

- Sim, aqui é o campo de Schirmeck-Vorbruck.

Jano reparou que o uniforme de Pierre Seel era parecido com o uniforme de Primo Levi, mas havia algo diferente: ele não tinha uma Estrela de Davi amarela bordada no peito, mas um triângulo rosa de ponta-cabeça. Curioso, Jano perguntou ao jovem Pierre por que a marca dele era diferente.

- Esse é o símbolo que eles utilizam para sinalizar quem é gay. Respondeu Pierre,

envergonhado.

- Mas eles te prenderam apenas por que você é gay? Isso é um absurdo! Protestou Jano.

- Você me pergunta por que estou aqui, e eu digo que minha única culpa foi amar de uma forma que os nazistas consideravam abominável. Fui preso em maio de 1941, em Estrasburgo, na França, porque sou homossexual. Eles me levaram sem explicação, sem julgamento, apenas porque meu nome estava em uma lista que obtiveram durante uma batida em um bar conhecido por ser frequentado por homens como eu.

Pierre Seel explicou que o triângulo rosa é uma sentença de morte lenta. Os guardas tratam esses prisioneiros com uma crueldade especial, reservada para aqueles que consideram os mais baixos entre os prisioneiros.

A pior parte é que não são só os guardas nazistas que os enxergam assim. Seel explicou que dentro dos próprios barracões os homens marcados pelo triângulo rosa são maltratados pelos demais prisioneiros, pois são considerados uma escória.

- Somos constantemente humilhados, espancados e abusados. Eles nos veem como aberrações, como seres desprezíveis que não merecem compaixão ou dignidade.

Jano perguntou a Pierre como era a vida no campo de concentração. Com uma mistura de tristeza e coragem, Pierre começou a compartilhar sua história.

- A vida aqui é um inferno. Fomos arrancados de nossas vidas normais e jogados em um pesadelo. As condições são desumanas.

Pierre relatou que os prisioneiros acordam antes do amanhecer e são forçados a trabalhar até o anoitecer. O trabalho é extenuante: cavam trincheiras, carregam pedras, qualquer tarefa que os guardas decidem impor. O cansaço é constante, e a fome é uma companheira cruel. A comida é apenas um pouco de sopa rala e um pedaço de pão duro.

Pierre também falou sobre como a violência é uma realidade diária naquele lugar. O jovem francês decidiu compartilhar com Jano um dos momentos mais o deixou aterrorizado no campo.

- Um dos momentos mais terríveis que presenciei foi quando um dos meus amigos, um jovem como eu, foi despedaçado por cães diante de nossos olhos. Os guardas marraram as mãos dele, colocaram um balde de lata na sua cabeça e soltaram dois cães ferozes que avançaram em sua direção. A brutalidade desse ato foi uma mensagem clara: eles querem

nos exterminar, apagar a nossa existência.

Tanto Pierre quanto Jano estavam chorando diante desse relato doloroso. Era difícil entender o porquê de tanta falta de humanidade. Ainda com a voz vacilante e embargada, Pierre disse:

- Eu sonho todas as noites com os gritos do meu amigo. As noites são longas e cheias de pesadelos. O frio penetra meus ossos, e o silêncio é quebrado apenas pelos gemidos de dor e desespero dos outros prisioneiros. Tento manter minha sanidade através das lembranças de quando eu era livre. Mas é difícil encontrar paz em um lugar onde a morte está sempre presente.

- Pierre, eu não consigo imaginar o tamanho da sua dor. Murmurou Jano.

- Apesar de tudo, há momentos de solidariedade. Nós, os que usamos o triângulo rosa, formamos uma espécie de irmandade. Apoiamos uns aos outros como podemos, compartilhamos nossas rações escassas, oferecemos palavras de conforto. Essa solidariedade é um pequeno raio de luz em meio à escuridão.

Jano ouvia com admiração e tristeza, absorvendo as histórias de sofrimento e resistência que Pierre compartilhava. Ele sentia o peso da injustiça e da intolerância, mas também a força e a coragem daquele rapaz tão jovem que lutava para sobreviver.

Depois de um tempo, Jano agradeceu sinceramente a Pierre Seel por compartilhar sua história e por ser um símbolo de resiliência e perseverança em face da adversidade. Ao se despedir de Jano, Pierre Seel ainda disse em um misto de melancolia e esperança:

- Eu me agarro à esperança de que um dia este pesadelo acabe, de que eu possa sair daqui e contar ao mundo o que vi e vivi. Precisamos que o mundo saiba da crueldade que enfrentamos, da injustiça de sermos perseguidos por ser quem somos. Vivo um dia de cada vez, lutando para não sucumbir ao desespero. Acreditar que a justiça e a verdade prevalecerão é o que me mantém vivo.

Com uma mistura de tristeza e esperança, Jano deu um abraço apertado em Pierre e se despediu. Esse encontro com Pierre Seel despertou em Jano a necessidade de lutar contra todas as formas de discriminação e de defender os direitos humanos, inspirado pela coragem e pela voz daqueles que sofreram nas mãos do ódio e da intolerância.



# K.

Jano estava tão obcecado pela máquina do tempo que decidiu entrar sorrateiramente na escola à noite para fazer mais uma de suas viagens. Ele inventou uma desculpa qualquer para a mãe e rumou em direção à escola. A biblioteca ficava apenas com a porta encostada. Ele já se certificara.

Na penumbra da noite sombria, Jano entrou na biblioteca escondido do vigilante e acionou sua máquina. Em instantes ele se viu transportado para um bairro cheio de lojas. Era Bom Retiro, um bairro comercial de São Paulo. Uma São Paulo envolta em medo e opressão, durante os anos mais sombrios da ditadura militar no Brasil.

Jano caminha pela calçada e observava aquelas bandeirolas verde-amarelas. Era 1974, ano de Copa. A seleção não teve o desempenho parecido com a Copa de 1970 e caiu para a seleção polonesa na disputa pelo terceiro lugar. A derrota no futebol veio, mas as bandeirolas ainda estavam lá. Por outro lado, a repressão ditatorial militar estava mais forte que nunca. Eram os anos de chumbo da ditadura.

Todas as lojas já estavam fechadas, exceto uma que estava com a porta lateral aberta. Jano entrou, mesmo com medo. Caminhando, ele avistou de longe um senhor já idoso sentado à mesa. Jano encontrou-se no escritório de um homem com o semblante triste, melancólico e desolado, cujo nome era apenas uma letra: K.

Jano, ao entrar no escritório de K., sentiu imediatamente a tensão no ar. Ele percebeu os olhos cansados, porém determinados de K., que estava imerso em pilhas de documentos e fotografias.

- Boa noite, senhor! Qual seu nome? Eu estava passando aqui em frente e vi a porta aberta. Desculpe por ter entrado sem bater.

- Boa noite, meu rapaz. Meu nome é K. Não tem problema você ter entrado sem bater. Eu deixo a porta sempre aberta na expectativa da minha filha voltar e entrar por ela.

Jano, então, se apresentou e perguntou se poderia ajudar de alguma forma. K., com um suspiro pesado, explicou que estava em busca de sua filha desaparecida. Ele compartilhou os detalhes da busca incansável, as pistas seguidas e os becos sem saída enfrentados ao longo dos meses.



Contar aquela história era reviver a dor incessante, uma ferida que nunca cicatriza. Ana Rosa Kucinski, professora de química da Universidade de São Paulo e militante contrária ao regime militar, desapareceu em abril de 1974, levada pelos agentes da ditadura militar que assolava nosso país. Desde então, a vida de K. se transformou em uma busca constante e desesperada por respostas, por qualquer sinal de existência da sua filha.

- A pior parte é a muralha de silêncio e segredo que cerca esses desaparecimentos. Desde o momento em que percebi que algo estava errado, enfrentei um labirinto de mentiras e omissões. As autoridades negam qualquer envolvimento, os registros oficiais não mencionam nada, e as portas se fecham a cada tentativa de buscar a verdade.

K. contou para Jano sobre o dia em que foi à Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS). Levou uma foto de Ana Rosa, o coração pesado de medo e esperança. K. lembra como foi recebido com olhares frios e desdém.

- “Não temos informações”, disseram. Insisti, implorei, mas tudo o que recebi foram respostas vagas e evasivas. Cada visita às autoridades era um exercício de humilhação e desespero, um lembrete constante da impotência diante de um sistema que se recusa a reconhecer sua crueldade.

- Mas sua filha não pode ter sumido assim, senhor K.! Protestou Jano.

- A minha busca é incessante desde o dia em que a minha filha sumiu. Porém, é como se a existência dela tivesse sido apagada. Não há nenhum rastro, nenhum sinal. Antes eu achava que a minha filha desapareceu, agora eu tenho cada vez mais certeza que ela “foi desaparecida” pelo regime.

K. relatou que o fato de a filha ter sido arrancada da família por causa de suas convicções torna tudo ainda mais insuportável. Ela foi taxada como “subversiva”.

- Eles não apenas levaram minha filha, levaram também seu futuro e seus sonhos.

- O senhor não pode perder a esperança, senhor K.

- Meu jovem, eu já tive muita esperança. Infelizmente hoje eu só tenho uma certeza: a morte dela. No entanto, eu queria saber onde, como. Eu queria ao menos ter o corpo da minha filha para enterrar. Eu só queria que ela tivesse uma matzeivá<sup>1</sup>.

K. relatou que a busca por Ana o levava a lugares sombrios. Falou com outras famílias de desaparecidos, trocou informações em encontros clandestinos, buscando fragmentos de esperança em meio ao medo. Cada pista, cada rumor, era uma fagulha de esperança que se apagava rapidamente diante da realidade implacável da ditadura. Muitos pais como ele, mães, irmãos, todos buscando seus entes queridos, todos enfrentando a mesma

---

1. Matzeivá é uma lápide judaica. É colocada no local do sepultamento em uma cerimônia especial um ano após a morte, simbolizando um compromisso de não esquecimento ao falecido.

muralha de silêncio.

- A covardia e a dissimulação da ditadura são muito cruéis. Já vivi sob a perseguição dos judeus na Polônia, antes de me refugiar no Brasil. Mesmo lá os familiares eram avisados da prisão dos seus entes. Mas aqui impera o simulacro. Eles sequestram, torturam, desaparecem com os corpos e fingem não saber de coisa alguma!

Diante do relato doloroso de K., Jano se compadeceu daquele senhor de cabelos brancos que só queria saber onde sua filha estava. Viva ou morta.

- Sinto muito pela sua dor, senhor K.

- O silêncio é ensurdecedor. Nos corredores da burocracia, nas salas de espera, nos encontros clandestinos, a ausência de respostas é uma tortura constante. A cada dia que passa, a esperança de encontrar Ana viva se desvanece um pouco mais, mas a necessidade de saber, de obter algum tipo de fechamento, permanece. É como uma prisão, uma sentença perpétua de incerteza e dor.

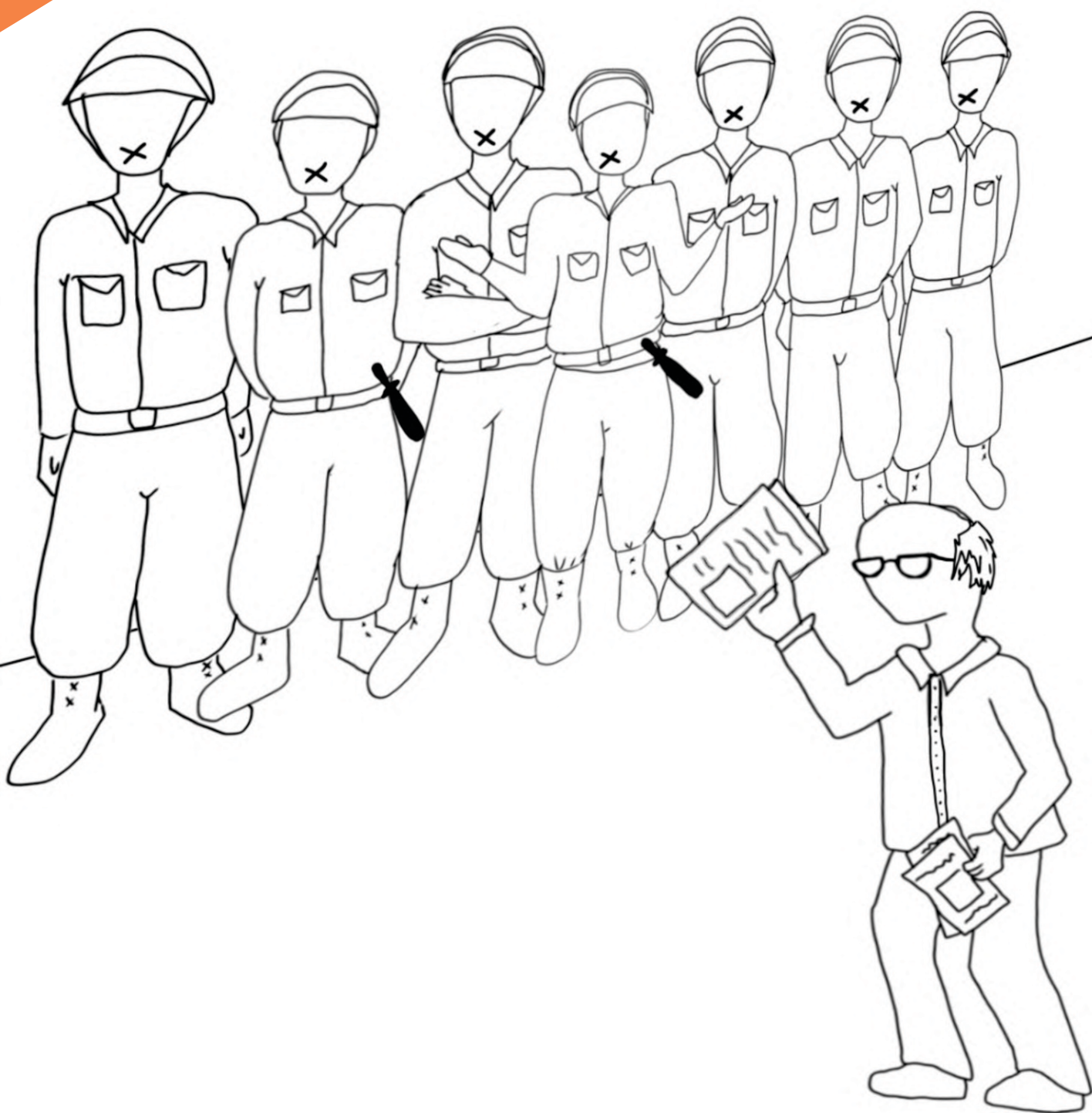
Jano ouvia com empatia, compreendendo a importância da busca por justiça e pela verdade. Ele ofereceu sua ajuda. Juntos, Jano e K. passaram horas revisando documentos antigos, fotografias e seguindo pistas dispersas. A determinação de K. era tão palpável quanto a sua dor. Novamente cansado, K. rompe o silêncio no escritório:

- A cada dia, acordo com a mesma pergunta: onde está a minha filha? A cada noite, durmo com a mesma angústia. Tento manter sua memória viva, contar sua história, para que o mundo não esqueça. A luta por justiça, por reconhecimento, é árdua, mas é tudo o que me resta. Continuo a buscar, a esperar, a desafiar o silêncio.

K. avisou a Jano que estava cansado e precisa ir para casa. Juntou a papelada e as fotografias. Colocou tudo dentro de uma caixa. Agradeceu a Jano e se despediu.

- A memória de Ana é tudo o que me resta. Enquanto houver memória, há resistência, e enquanto houver resistência, há esperança.

Ao se despedir de K., Jano prometeu continuar lutando por justiça e verdade, inspirado pela coragem e pela perseverança daqueles que enfrentaram as sombras da ditadura militar brasileira. A história de K. representava a dor e a luta de todos aqueles que enfrentavam a cruel realidade da repressão política.



# Alex Polari

Segunda-feira. Diferente de outros estudantes, Jano estava animado porque era dia de ir para a escola. Era dia de reencontrar seu espaço preferido: a biblioteca. Era dia de encontrar uma brecha para fazer mais uma viagem com a máquina do tempo. Definitivamente, os finais de semana se tornaram um suplício para Jano.

Na hora do recreio Jano se refugiou na biblioteca. Ele sabia que teria pouco tempo e, por isso, correu para acionar a máquina do tempo. Em instantes Jano se viu transportado para uma atmosfera sombria e opressiva. Depois de tantas viagens e experiências com a máquina do tempo, Jano já conseguia identificar aquele espaço: era uma cela escura e fria. Com certeza era uma prisão.

Jano estava dentro de uma prisão durante os anos mais cruéis da ditadura militar no Brasil. Aquele era um lugar de dor e injustiça. Local onde vozes eram silenciadas e esperanças eram esmagadas pelas botas de um regime autoritário.

Jano viu um rapaz de cabelos compridos e olhos cansados sentado no canto da cela escura e se aproximou. Era Alex Polari de Alvarenga, um militante que integrou grupos armados que lutaram contra a ditadura militar brasileira. Ele foi preso em 1971, em uma emboscada orquestrada por agentes do DOPS. Permaneceu preso por mais de oito anos, sendo libertado apenas em 1979.

Ao ver aquele adolescente se aproximar, Alex se assustou com aquela presença. “Será um novo preso? Mas ele é tão novo...”, refletia consigo mesmo. Percebendo que Jano não representava perigo, Alex perguntou:

- Qual seu nome, menino?

- Meu nome é Jano. E o seu?

Alex ainda estava ressabiado. Não seria aquele jovem um recrutado pelos torturadores para colher informações? Depois de tanto tempo preso e de ter passado por tantas situações, Alex Polari sabia que não poderia confiar em nada e em ninguém. Mas avaliou que aquele menino definitivamente não parecia representar um perigo.

- Eu sou Alex. Alex Polari. Como você chegou aqui?

Jano contou sua história, explicou como funcionava a sua máquina do tempo e falou sobre algumas viagens que tinha feito ao passado. Alex Polari achou aquilo tudo tão estranho e mágico que cogitou a possibilidade de aquele garoto ser um delírio, uma ilusão. Alex já estava isolado há tanto tempo que decidiu conversar com Jano, chamando-o para se sentar no chão da cela. Jano se aproximou, sentou-se, e Alex lhe sorriu com um ar de gratidão. Naquela situação, ter alguém com quem conversar era como um oásis no deserto.

- Por que você está preso? Perguntou Jano.

Alex começou a compartilhar sua história, explicando como foi preso por conta das suas convicções políticas e pela defesa dos direitos humanos, assim como muitos outros companheiros de luta. Polari relatou que quando foi preso, ele foi levado para o DOPS e foi fichado. De certa forma, isso lhe causou alívio, pois sabia que não seria morto imediatamente, nem entraria no rol dos desaparecidos pela ditadura. No entanto, aquele era o início de um longo suplício.

- Você já se perguntou como é ser arrebatado das suas convicções, jogado em uma cela fria, rodeado pelo peso da opressão e pela iminência da tortura? Posso te contar, pois vivi isso na pele. O que vou te relatar são memórias dolorosas e marcantes. São cicatrizes que carregam não só no corpo, mas na alma!

- Se você não se importar em rememorar a sua dor, eu quero muito te ouvir.

- O primeiro choque é inesquecível. A partir desse momento, você nunca mais quer passar por isso novamente. Esse se torna o seu maior desejo, renovado a cada novo choque, um seguido do outro. Quando não está gritando, sentindo a eletricidade sacudir seu corpo e a corrente queimar sua carne, você vive na expectativa e no terror da próxima descarga. Fiquei espantado com o meu próprio grito e com as convulsões do meu corpo. De repente, eu estava encolhido como um feto em um canto da sala, vendo apenas botas.

Jano estava assombrado com o relato de Alex Polari. A barbaridade da violência e da tortura era chocante. Alex Polari falou, ainda, sobre outro método utilizado pelos torturadores para tentar arrancar alguma confissão ou informação que os levasse a outras pessoas consideradas “subversivas”: o temido pau de arara.

- Penduravam a gente que nem um galetto. Passavam a barra de ferro entre as mãos amarradas à frente do joelho e as pernas flexionadas. Apoiavam as extremidades da barra nas duas escrivaninhas. Ligavam os fios. A sensação era ainda pior porque o corpo não

tinha apoio para absorver a descarga elétrica. O corpo fazia piruetas horríveis. A gente ansiava por se encostar e se encolher em alguma superfície que não existia. As articulações do joelho e do pulso ficavam extremamente doloridas, já que sustentavam todo o peso do corpo. A cada solavanco dos choques o nó se apertava mais. Quando começava a ficar roxo, por causa da circulação estrangulada, desciam o ferro<sup>2</sup>.

Jano estava completamente assombrado com aquele relato escabroso. “Como podem agentes do Estado, que deveriam garantir os direitos das pessoas, fazerem uma crueldade daquelas?”, pensou ele. Alex Polari falou também das condições desumanas da prisão, da tortura psicológica, e da constante vigilância dos guardas.

- Dentro desses porões o tempo parece não ter significado. As horas se arrastam enquanto somos submetidos a interrogatórios intermináveis, ameaças constantes e torturas psicológicas. Cada sessão de tortura é uma prova de fogo, uma tentativa de nos quebrar, de arrancar nossas convicções à força.

Alex Polari falou sobre o silêncio opressivo que imperava naquela prisão, quebrado apenas pelos gritos desesperados dos companheiros de cela. Aqueles gritos eram um lembrete constante da brutalidade humana. Mas o pior inimigo era a incerteza. Era não saber quando aquilo acabaria, ou se eles acabariam antes.

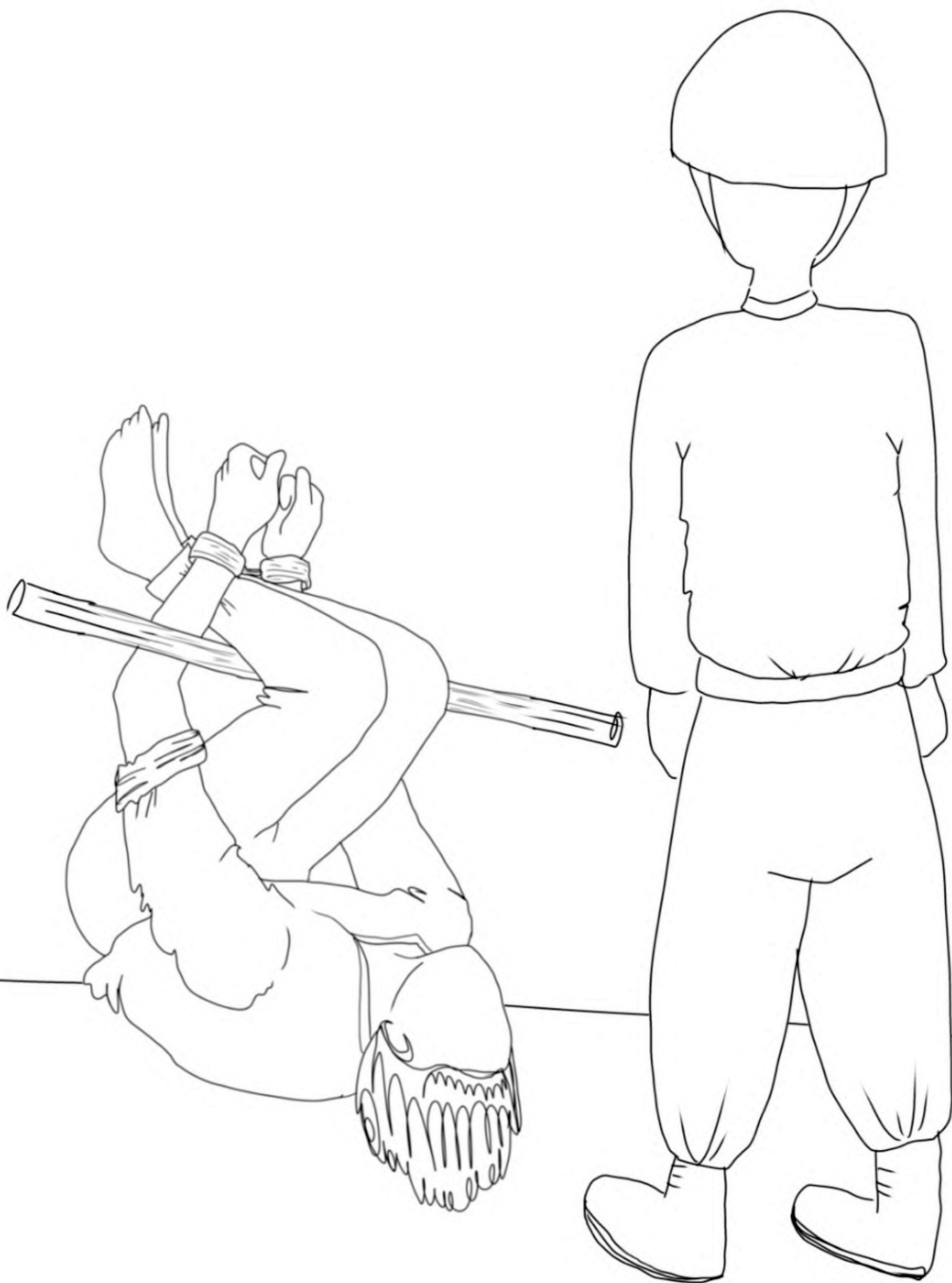
Percebendo o pavor que os olhos de Jano refletiam, Alex resolveu falar também da sua esperança e dos seus sonhos. Afinal, ele já estava preso há mais de oito anos. Viveu muita coisa nos porões da ditadura, passou por muitas situações-limites, sentiu a dor e a experiência de quase morte, mas mesmo assim ainda nutria a esperança de um dia sair daquele lugar e recomeçar a sua vida.

Jano ouvia atentamente cada palavra de resiliência que Alex transmitia. Ele sentia a urgência de lutar contra a opressão e defender os valores da democracia e dos direitos humanos.

Depois de um tempo, Jano agradeceu profundamente a Alex Polari por compartilhar sua história e se despediu. Desse encontro, Jano retornou com um compromisso renovado de lutar pela justiça e pela liberdade.

---

2. POLARI, Alex. **Em busca do tesouro perdido**. Rio de Janeiro: Codecri, 1982, pp. 79.



# Claudio Daniel

Naquela tarde haveria uma reunião de pais na escola de Jano. Ele foi acompanhado da mãe. Sorrateiramente, enquanto a mãe conversava com os professores e outros pais ou responsáveis, Jano fugiu para a biblioteca. Aproveitou para fazer mais uma de suas viagens ao passado.

Ao apertar o botão e passar pelo processo de teletransporte, Jano se viu transportado para uma avenida ampla, larga e movimentada. Sabia que não se tratava de um passado longínquo, pois via várias pessoas com *smartphones* nas mãos e carros muito parecidos com os que ele via nas ruas. Havia um painel de LED indicando temperatura, hora e data. Era 2013. Àquela época, Jano tinha apenas dois anos de idade.

Caminhando pela calçada, Jano se depara com um edifício fascinante: era o MASP (Museu de Arte de São Paulo). Ele conhecia aquele prédio dos livros. Agora Jano sabia que estava em São Paulo, mais especificamente na Avenida Paulista. A estrutura do MASP, suspensa por quatro pilares robustos, cria um vão livre que se estende como uma ponte entre o passado, o presente e o futuro.

Enquanto explorava o vão livre, Jano foi atraído por um grupo de pessoas que se reuniam em torno de um poeta conhecido como Claudio Daniel. Claudio, com sua presença marcante e voz poética, capturava a atenção de todos ao discursar sobre os desafios enfrentados pela sociedade brasileira naquele momento.

- O estopim das grandes manifestações de 2013, inicialmente impulsionadas por justas reivindicações populares, como a redução das tarifas de transporte público, rapidamente se transformou em um caldo fervente de insatisfação difusa. A insatisfação, por si só, é um motor legítimo de mudanças. Mas aquelas manifestações foram rapidamente capturadas e manipuladas por forças reacionárias que viram ali uma oportunidade de semear a discórdia e o ódio.

Claudio falava sobre como as manifestações contra o aumento do preço das passagens se tornou um cenário propício para a ascensão da extrema direita e seus ideais contra as minorias, incluindo até a defesa de um novo golpe militar no Brasil. Momentos de crise como aquele são um palco perfeito para o surgimento de movimentos fascistas.

Claudio Daniel, com uma expressão séria, compartilhou suas preocupações com a audiência cativa daquele pequeno grupo à sua volta. Ele explicou como a polarização política, a desigualdade social e a corrupção alimentavam o surgimento de grupos extremistas que buscavam impor suas ideologias autoritárias.

- O perigo desse movimento reacionário reside em sua capacidade de apelar aos instintos mais primitivos e irracionais da população, transformando o medo em um instrumento de controle e manipulação. O discurso de ódio, a demonização do outro, a intolerância e o autoritarismo se tornaram armas poderosas nas mãos daqueles que buscam restaurar uma ordem social excludente e injusta.

Entre versos carregados de emoção, ele explicava como o movimento reacionário estava ganhando força, espalhando ideias extremistas e propagando o discurso de ódio contra minorias. O poeta falou sobre o perigo das vozes que pregavam o ódio, a discriminação e a violência contra grupos marginalizados, como LGBTQIA+, negros, indígenas e outros. Claudio enfatizou a importância de resistir a essas ideias destrutivas e de lutar pela democracia, pelos direitos humanos e pela inclusão social:

- Como nação, precisamos estar vigilantes e ativos na defesa de nossa democracia e de nossos direitos fundamentais. A resistência deve ser constante e incansável, nas ruas, nas redes, nas escolas e nas instituições. A luta contra o obscurantismo e a intolerância é uma batalha constante e travada no cotidiano.

Claudio falou, também, sobre a ascensão de lideranças políticas que, longe de promoverem o diálogo e a construção de pontes, optaram por aprofundar as divisões e cultivar a ignorância. A retórica inflamada e agressiva, alimentada por *fake news* e teorias da conspiração, se espalhou como um vírus, contaminando o tecido social e envenenando o debate público. Essas lideranças políticas souberam cooptar para si essas pautas reacionárias, faturando politicamente.

- O movimento reacionário que está varrendo o Brasil não é um fenômeno isolado; faz parte de uma onda global de autoritarismo e populismo que desafia os valores democráticos. No caso específico do nosso país, essa onda representa um retorno perigoso a um passado não tão distante de opressão e desigualdade, um passado ditatorial que ainda não superamos completamente.

Jano ouvia as falas de Claudio Daniel atentamente, compreendendo a gravidade da situação e a urgência de agir contra o avanço do extremismo. Ele compreendia a

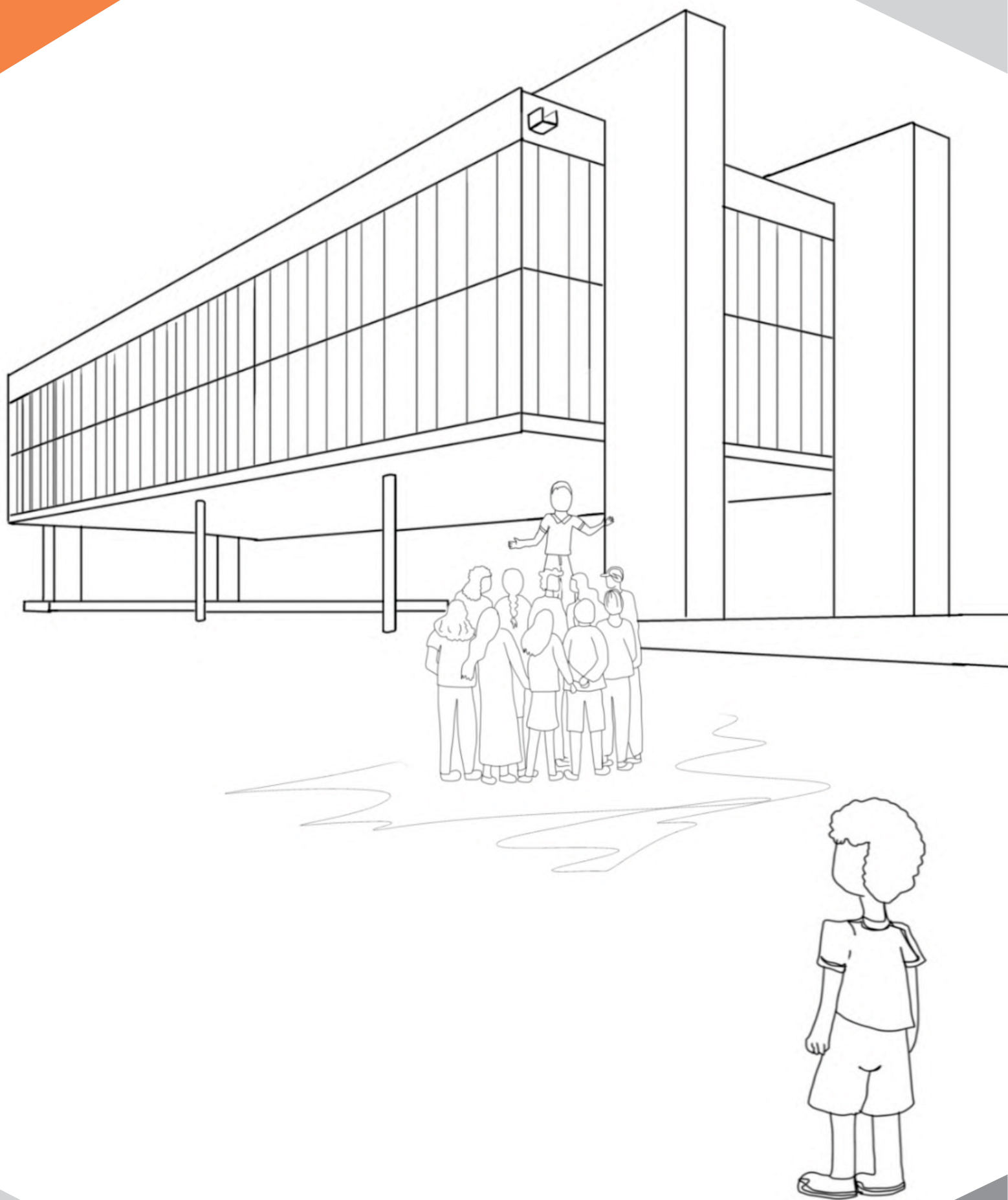
importância de combater o discurso intolerante.

O poeta também falou sobre como a cultura, especialmente, se tornou alvo do movimento reacionário que emergiu daquelas manifestações. A censura, o patrulhamento ideológico e a repressão cultural sempre serviram como ferramentas de controle, tentando silenciar vozes dissidentes e suprimir a diversidade de pensamento. A arte, em todas as suas formas, é vista como uma ameaça ao projeto reacionário de uniformização e conformismo.

Entretanto, Claudio Daniel lembrou como a arte e a cultura desempenham um papel crucial na resistência contra o autoritarismo e a violência.

- A cultura sempre foi um bastião de resistência e reflexão crítica. Em momentos de crise, a poesia e a arte têm um papel vital a desempenhar. Elas são faróis que iluminam o caminho em tempos de escuridão, oferecendo esperança e inspiração. Devemos continuar a criar, a falar, a questionar e a resistir, utilizando a força transformadora da cultura para combater as forças reacionárias que ameaçam nosso futuro. Arte é resistência. Literatura é resistência. Poesia é resistência.

Jano estava empolgado com as falas de Claudio Daniel, mas lembrou que precisava voltar para o seu próprio tempo, afinal, a reunião de pais já devia ter findado e sua mãe certamente estava à sua procura. Aquele encontro reforçou em Jano o compromisso de combater o extremismo, defender os direitos das minorias e preservar os valores democráticos.



# Manhã de Sábado

Era uma manhã de sábado ensolarada, com um sol escaldante do lado de fora, em mais um dia quente. Jano estava entediado dentro de casa, assim como em todos os outros finais de semana. Ele sentia falta da escola. Sentia falta da biblioteca, da máquina do tempo e das suas viagens.

Estirado no sofá e absorto em seus pensamentos, Jano ouviu a voz da sua mãe chamando pelo seu nome de longe. Ela pediu que ele fosse à padaria comprar pães. Mesmo contrariado por ter que sair sob aquele sol que fazia a pele arder, Jano trocou a roupa e saiu rumo à padaria. Quando estava quase na porta, sua mãe o repreendeu por querer sair sem a máscara, afinal havia uma cepa nova do coronavírus rodando pelo país.

Jano não esquecia a máscara por mal. Ele era um adolescente que achava o uso de máscaras enfadonho. No entanto, ele sempre lembrava as notícias que via: centenas de pessoas ainda morriam todos os dias. “Minha mãe está certa”, pensou.

No caminho Jano avistou uma fila enorme de pessoas que se formara na porta de um açougue do outro lado da rua. Curioso que era, Jano atravessou a rua para tomar conhecimento do que se tratava. “Será uma promoção?”, indagou a si mesmo.

Ao se aproximar do estabelecimento, Jano caminhou até o final da fila, cujo posto era ocupado por uma mulher de aproximadamente quarenta anos, quando perguntou:

- Moça, bom dia! Essa fila é para quê?

- Bom dia, menino! Essa fila é para pegar osso.

- Osso?

- Sim, osso de boi. O açougue distribui os ossos todos os dias às 11 horas.

- Mas ainda são 9 horas da manhã.

- Tem que chegar cedo! Se chegar tarde, não sobra nada. Por isso estamos na fila.

Jano se tornara um exímio papeador. De curiosidade aguçada e ouvidos atentos, ele não perdia a oportunidade de entrar em uma conversa. Ele se apresentou e perguntou o nome

da mulher. Era Maria do Socorro, mas todos a chamavam de Socorro. Ela era mãe solo de quatro filhos e estava desempregada.

- Tudo ficou mais caro. O preço da carne está um absurdo. Eu não tenho condições de comprar. Pego os ossos que são distribuídos porque eles sempre vêm com alguns fiapos de carne grudados. Os ossos também servem para dar um gosto na sopa que eu faço para as crianças. É isso ou nada, Jano. É desesperador não saber se teremos alguma coisa para comer. Vivemos uma refeição de cada vez, pois não sabemos se teremos a próxima. A pior parte desses dias difíceis é quando meus filhos pedem algo para comer e não há nada na minha geladeira. É como se meu coração de mãe fosse esmagado pela realidade. Por isso eu me viro como posso.

Jano estava entristecido em ouvir a história de dona Maria do Socorro. Ele não era de família abastada, mas nunca lhe faltara nada. Ele ficou pensando nos filhos daquela mulher. Algum deles poderia, inclusive, ter a mesma idade de Jano.

Embaraçado e com a voz embargada, Jano se despediu bruscamente da mulher e disse que estava atrasado para comprar os pães que sua mãe pediu. Ele saiu e caminhou mais dois quarteirões. Entrou na padaria, comprou os pães e voltou. Avistou novamente Maria do Socorro naquela fila que não parava de crescer. Aproximou-se dela. Estendeu a sacola de pães e disse:

- Dona Maria do Socorro, leve esses pães para a senhora.

- Não, meu filho, não precisa!

- Leve, por favor. Dê para seus filhos. Eles não farão falta lá em casa.

Maria do Socorro decidiu aceitar. Naquela manhã, ela e os filhos não comeram nada no café da manhã. Os pães vieram em boa hora. Jano acenou e se despediu. Ele precisava voltar para casa.

No percurso de retorno, Jano foi pensando em Maria do Socorro, na sua história e nos seus filhos. Ele lembrou o encontro que teve com Carolina Maria de Jesus tempos atrás em uma de suas viagens no tempo e comparou a história dela com a de Maria do Socorro. “Mas aquele era o Brasil de 1950! Como pode, em pleno ano de 2021, ainda ter gente passando fome?”, refletia Jano indignado.

Ao abrir a porta e entrar em casa, logo ouviu a voz impaciente da mãe:

- Jano, cadê os pães?

- Eu dei os pães, mãe.

- Para quem?

Jano contou tudo para a mãe. Explicou quem eram a mulher para a qual havia doado os pães e disse que aquela mulher precisava mais daqueles pães do que a sua família. A mãe de Jano ficou em silêncio. A impaciência e irritação da mãe de Jano logo cessaram. Jano perguntou:

- Mãe, por que ainda existem pessoas passando fome? É muito injusto algumas pessoas terem tantas coisas, enquanto outras não têm nada.

A mãe de Jano ficou surpresa com a pergunta do filho. No fundo ela estava feliz, pois percebeu que seu filho possui um senso de justiça social e solidariedade que estão cada vez mais raros. Para ela, que sempre tivera uma visão crítica de mundo e ideais progressistas, era motivo de orgulho ver seu filho despertar para questões sociais, identificando e se indignando com as injustiças e desigualdades que afligem a sociedade.

- Jano, a questão é que o governo atual não defende justiça social. Para eles, não é dever do Estado redistribuir renda, combater a pobreza e a fome, ou corrigir desigualdades provocadas pelo capitalismo. Por isso a pobreza aumentou assustadoramente. A fome voltou a fazer parte do cotidiano de inúmeras famílias, tais como a família da Maria do Socorro, por exemplo. E o desemprego voltou a assombrar os trabalhadores. Mas sabe qual é a pior parte disso tudo, Jano?

- Qual, mãe?

- Foi a população que elegeu esse governo. Mesmo com outras opções, as pessoas optaram por votar nesse governo.

Jano passou o resto do dia pensativo sobre a conversa que teve com a sua mãe. Lembrou de Maria do Socorro. Lembrou de Carolina Maria de Jesus. Lembrou daquela fila imensa de pessoas que estavam à espera de osso! Osso! A indignação de Jano era tão grande que em vez de tristeza ele sentia raiva. A experiência daquela manhã de sábado e a conversa com sua mãe despertaram em Jano o compromisso de sempre pensar no outro e lutar por justiça social.

AÇOUGUE

HOJE DOAÇÃO DE OSSOS



# O Grande Encontro

A segunda-feira chegou. O despertador nem precisou tocar para Jano acordar. Ele estava ansioso para ir à escola. Para onde será que ele iria hoje? Quem ele conheceria? Jano só pensava na sua próxima viagem. Arrumou-se e tomou o café. Depois, foi para a frente da casa esperar o escolar. A ansiedade o consumia.

Na escola, Jano ainda assistiu algumas aulas enquanto planejava qual seria o momento mais oportuno para se refugiar na biblioteca. Ele analisou todas as possibilidades, mas concluiu que desta vez só teria a hora do recreio.

Quando o sinal bateu, Jano sequer juntou seu material. Ele apenas soltou a caneta sobre a mesa e deixou tudo como estava. Com passos apressador, rapidamente chegou ao lugar que em pouco tempo se tornou seu paraíso: a biblioteca.

Ávido por aquele encontro, Jano foi em direção à mesa sobre a qual estava sua máquina do tempo. No entanto, sua alegria logo se esvaiu. A máquina não estava ali. Ele olhou embaixo da mesa na esperança de que ela tivesse caído com algum esbarrão, mas no chão ela também não estava. Logo um pensamento afligiu Jano: “Será que alguém roubou minha máquina do tempo?”. Enquanto conjecturava possibilidades, seus olhos marejaram de lágrimas.

Triste, abatido e choroso, Jano se levantou e virou em busca da máquina, mas se deparou com uma imagem que fez seu corpo gelar da cabeça aos pés. Todos os personagens que Jano conheceu nessa jornada estavam ali reunidos diante de seus olhos, na biblioteca que se transformou em seu refúgio.

Primo Levi, Alexander Soljenítsin, Anne Frank, Carolina Maria de Jesus, Graciliano Ramos, Pierre Seel, Senhor K., Alex Polari e Claudio Daniel estavam ali, reunidos, a poucos metros de Jano. Primo Levi se aproximou do menino deslumbrado com o que via e tomou a palavra:

- Jano, meu caro, sua máquina do tempo te levou para vários lugares e tempos diferentes. Você conheceu muita gente e testemunhou muita dor e sofrimento. Mas também testemunhou muita resistência e coragem. Agora é hora de você também ajudar a manter viva a memória daqueles que foram resilientes mesmo nas situações mais adversas. A

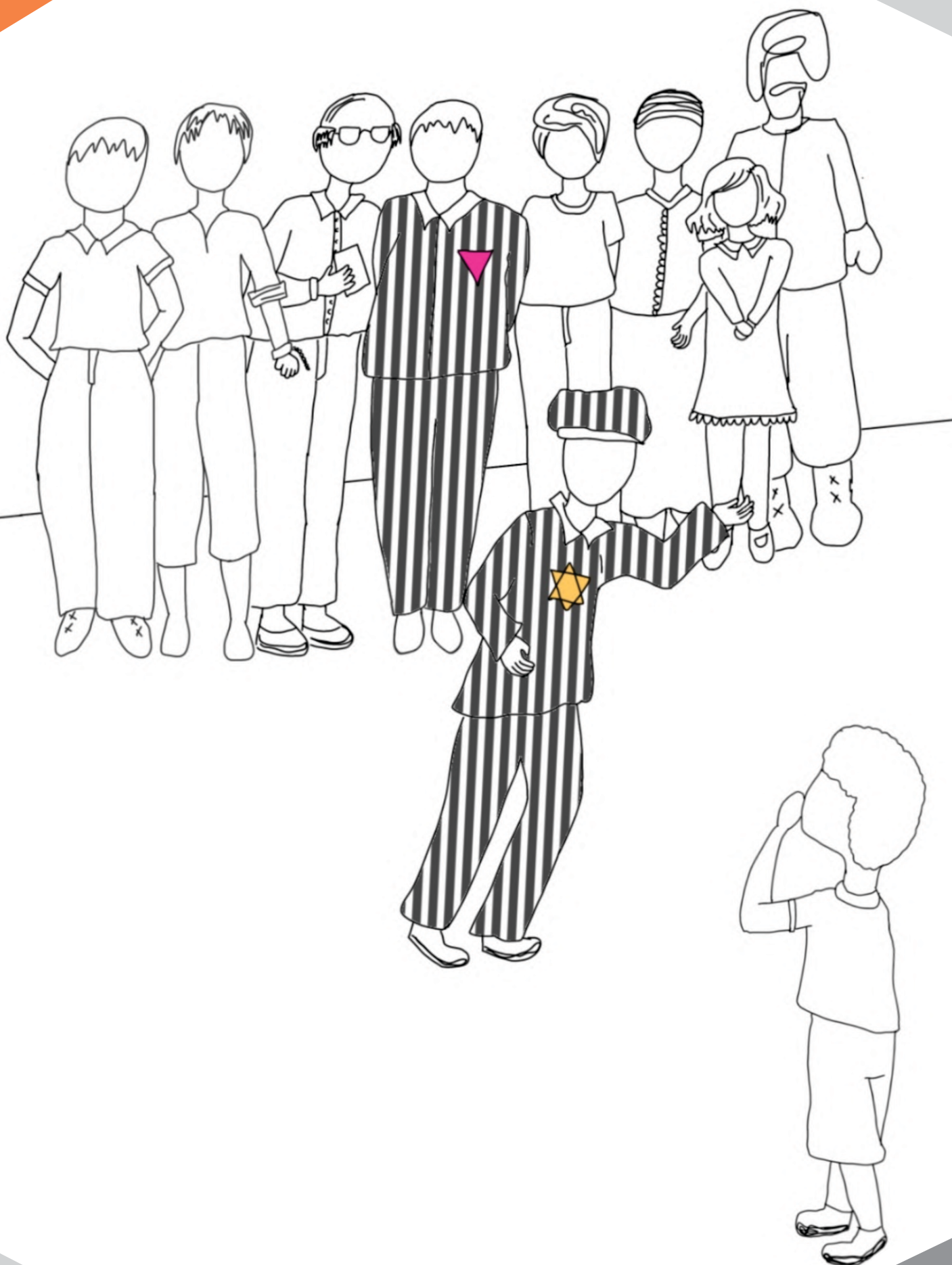
sua máquina do tempo não está mais aqui, mas você pode encontrar com a gente sempre que quiser nas prateleiras dessa biblioteca. E, assim como nós, existem tantas outras pessoas que escreveram sobre a violência e sofrimento que viveram ou presenciaram. Eu só tenho um pedido a te fazer: não deixe esses testemunhos morrerem. Mantenha-os vivos e lembre-se sempre de lutar por um mundo mais justo, onde todas as pessoas possam ser e existir como são. É importante sempre lembrar desses acontecimentos trágicos, dolorosos e cruéis para que eles jamais se repitam.

Primo Levi, então, deu um abraço caloroso e apertado em Jano. Todos os demais fizeram o mesmo, em um abraço coletivo que aqueceu o coração do menino. Aos poucos, como em um passe de mágica, todos à sua volta se esvaneceram.

Jano permaneceu bastante tempo na biblioteca, relembrando suas viagens. Ele refletiu sobre como cada encontro o transformou, despertando sua consciência para as injustiças, fortalecendo sua determinação em defender os direitos humanos e nutrindo sua esperança por um futuro melhor. Cada encontro, cada diálogo, cada experiência deixara uma marca profunda em seu coração e em sua mente.

Com um sorriso sereno, Jano olhou para o horizonte e sentiu a esperança brilhando em seu coração. Ele sabia que o mundo ainda enfrentava desafios, mas também sabia que pessoas como aquelas que conheceu em suas viagens, pessoas de coragem, compaixão e resiliência, estavam trabalhando incansavelmente por um futuro mais justo e compassivo.

Ao fechar os olhos, Jano murmurou em silêncio uma promessa para si mesmo e para o mundo: continuar aprendendo, lutando e inspirando para construir um futuro onde todos possam viver em paz, liberdade e dignidade. E com esses pensamentos, Jano encerrou sua jornada de viagens no tempo, com o coração cheio de esperança e determinação.



# SUGESTÕES PARA O TRABALHO PEDAGÓGICO COM OS CONTOS

**O LUGAR DO TESTEMUNHO NO  
ENSINO DE HUMANIDADES**

# 1º ENCONTRO:

## “O QUE É LITERATURA DE TESTEMUNHO?”

### Leitura prévia:

- “O que é Literatura de Testemunho”, de Wilberth Salgueiro;

SALGUEIRO, Wilberth. O que é literatura de testemunho (e considerações em torno de Graciliano Ramos, Alex Polari e André du Rap). **Matraga**, Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ, v. 19, n. 31, p. 284-303, 2012.

### 1º Momento

- Apresentação do projeto de pesquisa, da temática e dos objetivos;
- Discussão sobre Literatura de Testemunho, levantando questões a partir do artigo do Wilberth Salgueiro. Sugestões de questões disparadoras:
  - O que é Literatura de Testemunho?
  - Quais são as potencialidades e os limites desse gênero?
  - Como a Literatura de Testemunho pode ser abordada em sala de aula com estudantes da Educação Básica, sobretudo no Ensino Fundamental?

## 2º Momento

Apresentação resumida da biografia dos autores de testemunhos que embasaram os contos do primeiro encontro:

### Primo Levi

Primo Levi (1919-1987) foi um escritor e químico italiano. Nascido em Turim, na Itália, em uma família judia, Levi formou-se em química em 1941, mas logo enfrentou a perseguição devido às leis raciais fascistas. Em 1943, ele se juntou à resistência antifascista, mas foi capturado pelos nazistas e deportado para Auschwitz em 1944. Sobrevivendo ao horror do campo de extermínio, Levi retornou à Itália em 1945 e começou a escrever sobre suas experiências. Seu livro mais famoso, *É Isso um Homem?*, publicado em 1947, é uma obra-prima da literatura testemunhal, detalhando a vida no campo de concentração e refletindo sobre a condição humana em situações extremas. Levi é amplamente reconhecido como uma das vozes mais importantes na literatura do Holocausto. Em 1987, Primo Levi morreu em circunstâncias controversas, possivelmente suicídio, mas seu legado literário continua a impactar gerações.

### Alexander Soljenítsin

Alexander Soljenítsin (1918-2008) foi um escritor e historiador russo, conhecido por suas obras que expuseram os horrores dos campos de trabalho forçado soviéticos, os Gulags, e o totalitarismo stalinista. Nascido na Rússia, ele serviu como oficial do Exército Vermelho durante a Segunda Guerra Mundial, mas foi preso em 1945 por criticar Stalin em uma carta pessoal. Condenado a oito anos de trabalhos forçados, Soljenítsin viveu nas prisões e campos de trabalho soviéticos, experiência que moldou sua escrita posterior. Em 1962, publicou *Um Dia na Vida de Ivan Denisovitch*, um relato de um dia comum na vida de um prisioneiro em um Gulag, o que trouxe a brutalidade do sistema prisional soviético ao conhecimento público. Mais tarde, em 1973, publicou *Arquipélago Gulag*, sua obra máxima. Em 1974, ele foi exilado do país e viveu nos Estados Unidos até 1994, quando retornou à Rússia após a queda da União Soviética.

## Anne Frank

Anne Frank (1929-1945) foi uma jovem judia alemã. Nascida em Frankfurt, sua família fugiu para a Holanda em 1933 para escapar da perseguição nazista. Quando os nazistas invadiram o país em 1940, as medidas contra os judeus se intensificaram, e em 1942, a família Frank se escondeu em um anexo secreto atrás do escritório do pai de Anne, Otto Frank, em Amsterdã. Durante os dois anos que viveu no esconderijo, Anne manteve um diário. Seu diário, posteriormente publicado como *O Diário de Anne Frank*, traz uma visão íntima da vida sob ocupação nazista, do terror da guerra e das complexidades da adolescência em meio à perseguição. Em 1944, o esconderijo foi descoberto, e Anne e sua família foram deportados para campos de concentração. Anne morreu no campo de Bergen-Belsen em 1945, pouco antes da libertação. Seu diário foi publicado em 1947 e, desde então, tornou-se um dos livros mais traduzidos e lidos do mundo.

### 3º Momento

Roda de leitura dos contos produzidos:

- Primo Levi;
- Alexander Soljenítisin;
- Anne Frank.

### 4º Momento

Discussão sobre os contos, sobre as temáticas abordadas e sobre formas de trabalhar os contos na sala de aula com os estudantes. Algumas sugestões de temáticas que podem ser abordadas:

- Racismo;
- Antissemitismo;
- Efeitos das guerras na vida da população civil;
- Intolerância política.

### Indicação de leitura complementar:

FRANK, Anne. **O diário de Anne Frank**. Rio de Janeiro: Record, 1995.

LEVI, Primo. **É isto um homem?** Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Narrar o trauma: a questão dos testemunhos de catástrofes históricas. **Psicologia Clínica**. Rio de Janeiro, vol. 20, n. 1, p. 65 – 82, 2008.

SOLJENÍTSIN, Alexandre. **Arquipélago gulag**. São Paulo: Círculo do Livro, 1975.

# 2º ENCONTRO:

## “VIOLÊNCIA POLÍTICA E VOZES SILENCIADAS NAS DITADURAS DO BRASIL”

### Leitura prévia:

- “Tortura e sintoma social”, de Maria Rita Kehl.

KEHL, Maria Rita. Tortura e sintoma social. IN: TELLES, Edson; SAFATLE, Vladimir (Orgs.) **O que resta da ditadura**: a exceção brasileira. São Paulo: Boitempo, 2010.

### 1º Momento

- Discussão do texto teórico disponibilizado com antecedência para os docentes, abordando elementos históricos da ditadura militar no Brasil e a maneira como o país lidou com a Ditadura após a redemocratização.

## 2º Momento

Apresentação resumida da biografia dos autores de testemunhos que embasaram os contos do segundo encontro:

### Graciliano Ramos

Graciliano Ramos (1892-1953) foi um escritor e político brasileiro, conhecido por suas obras que retratam a vida no sertão nordestino e as injustiças sociais. Nascido em Quebrangulo, Alagoas, ele se formou em Direito, mas se dedicou à literatura, escrevendo romances marcantes como *Vidas Secas* e *São Bernardo*. Durante o governo de Getúlio Vargas, em 1936, Graciliano foi preso sob a acusação de envolvimento com o movimento comunista. Sua prisão durou cerca de seis meses e foi marcada por duras condições e interrogatórios. Essa experiência de prisão política durante a repressão varguista foi relatada na obra *Memórias do Cárcere*, publicado postumamente. Ramos é um dos maiores romancistas brasileiros e um dos principais representantes do modernismo brasileiro.

### Ana Rosa Kucinski

Ana Rosa Kucinski Silva (1942-1974) foi uma professora universitária e militante brasileira, associada à Aliança Libertadora Nacional (ALN), uma organização de extrema-esquerda que se opôs à ditadura militar no Brasil. Formada em Química, lecionou no Instituto de Química da Universidade de São Paulo (USP). Em 1974, aos 32 anos, Ana Rosa e seu marido, Wilson Silva, também militante da ALN, foram sequestrados e considerados desaparecidos. Após seu desaparecimento, Ana Rosa foi demitida da USP por “abandono de função”, uma decisão controversa que ocorreu em meio à luta de sua família por informações sobre seu paradeiro. Seu pai, Majer Kucinski, tornou-se um símbolo da busca por justiça e pelos direitos dos desaparecidos políticos. Em 2014, a USP reconheceu o erro e anulou sua demissão. A história de Ana Rosa foi abordada no livro *K. Relato de uma Busca*, escrito por seu irmão, Bernardo Kucinski, que narra a saga de seu pai na busca pela filha.

### Alex Polari

Alex Polari de Alvarenga (1951) é um escritor, poeta, líder religioso, ex-militante político e sobrevivente da Ditadura Militar brasileira. Ainda como estudante secundarista entrou em contato com as ideias marxistas e, mais tarde, entra na luta armada em grupos de guerrilha urbana como VAR-Palmares e VPR. Polari foi preso em 1971 e ficou preso por nove anos, sendo libertado apenas em 1980. Na prisão, Polari enfrentou diferentes formas de tortura, além de frio, fome, humilhações e a ausência de contato com familiares, sendo privado da dignidade assegurada à pessoa humana. Durante a prisão, Polari escreveu poesias testemunhais, que foram publicadas no livro *Inventário de Cicatrizes*, em 1978. Após a libertação, Polari ainda escreveu mais dois livros que abordam a opressão e tortura durante a Ditadura Militar brasileira: *Camarim de Prisioneiro* e *Em busca do tesouro perdido*.

### 3º Momento

Roda de leitura dos contos produzidos:

- Graciliano Ramos;
- K.;
- Alex Polari.

### 4º Momento

Discussão sobre os contos, sobre as temáticas abordadas e sobre formas de trabalhar os contos na sala de aula com os estudantes. Algumas sugestões de temáticas que podem ser abordadas:

- Censura, repressão e tortura;
- Violência estatal;
- Perseguição ideológica;
- Desaparecimento de corpos durante a Ditadura;
- Intolerância política.

### Indicação de leitura complementar:

KUCINSKI, Bernardo. **K. – relato de uma busca**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

POLARI, Alex. **Inventário de cicatrizes**. 2. ed. Rio de Janeiro: Global, 1978.

POLARI, Alex. **Em busca do tesouro perdido**. Rio de Janeiro: Codecri, 1982.

RAMOS, Graciliano. **Memórias do cárcere**. Rio de Janeiro: Record, 2020.

# 3º ENCONTRO:

## “INTOLERÂNCIA E DESUMANIZAÇÃO”

### Leitura prévia:

- “Linguagem e trauma na escrita do testemunho”, de Jaime Ginzburg.

GINZBURG, Jaime. Linguagem e trauma na escrita do testemunho. In: Wilberth Clayton Salgueiro. (Org.). **O testemunho na literatura**: representações de genocídios, ditaduras e outras violências. Vitória: Editora da UFES, 2011, p. 19-32.

### 1º Momento

- Discussão do texto teórico disponibilizado com antecedência para os docentes, levantando questões sobre como a intolerância e o preconceito desumanizam aqueles que não se enquadram nos padrões desejados.

## 2º Momento

Apresentação resumida da biografia dos autores de testemunhos que embasaram os contos do terceiro encontro:

### **Pierre Seel**

Pierre Seel (1923-2005) foi um sobrevivente francês do extermínio nos campos de concentração nazistas. Nascido em uma família abastada da região da Alsácia, Seel foi preso durante a Segunda Guerra Mundial devido à sua orientação sexual, sendo enviado para o campo de concentração de Struthof, na França, onde sofreu graves abusos e torturas. Seel pertencia à categoria dos homens marcados pelo triângulo rosa nos campos de concentração, uma marca destinada a homossexuais. Após a Guerra, Pierre Seel não pôde testemunhar a violência sofrida no campo de concentração, pois a homossexualidade ainda permanecia criminalizada em vários países da Europa, inclusive na França. Foi apenas em 1983 que ele quebrou o silêncio, tornando-se um dos primeiros a testemunhar publicamente sobre a opressão e os horrores vividos nos campos, contribuindo para a visibilidade da história dos homossexuais durante o Holocausto.

### **Claudio Daniel**

Claudio Alexandre de Barros Teixeira (1962), conhecido pelo pseudônimo Claudio Daniel, é um poeta, tradutor e ensaísta nascido em São Paulo. Estudou jornalismo na Faculdade Cásper Líbero entre 1982 e 1984 e formou-se pela mesma instituição. Em 1989, criou a revista cultural Gaia junto a um grupo de amigos. O pseudônimo "Daniel" foi adotado em homenagem ao trovador provençal Arnaut Daniel e ao profeta Daniel do Antigo Testamento. Claudio Daniel possui mestrado e doutorado em Literatura Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP) e concluiu o pós-doutorado em Teoria Literária pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Ao longo de sua carreira, destacou-se pela atuação no campo literário, tanto na escrita quanto na tradução e crítica. Entre 2013 e 2019 Claudio Daniel escreveu uma coletânea de poesias, publicadas sob o título de *Cadernos Bestiais*. As poesias, com fortes críticas sociais, versam sobre o movimento neoconservador e reacionário que surgiu e se expandiu nesse período.

### 3º Momento

Roda de leitura dos contos produzidos:

- Pierre Seel;
- Claudio Daniel.

### 4º Momento

Discussão sobre os contos, sobre as temáticas abordadas e sobre formas de trabalhar os contos na sala de aula com os estudantes. Algumas sugestões de temáticas que podem ser abordadas:

- Preconceito e discriminação;
- Homofobia;
- Neoconservadorismo e movimentos reacionários no Brasil;
- Radicalização.

### Indicação de leitura complementar:

DANIEL, Cláudio. **Cadernos bestiais**. Volume I. São Paulo: Lumme editor, 2015.

\_\_\_\_\_. **Cadernos bestiais**. Volume II. São Paulo: Lumme editor, 2015b.

\_\_\_\_\_. **Cadernos bestiais**. Volume III. São Paulo: Lumme editor, 2017.

SEEL, Pierre. **Eu, Pierre Seel, deportado homossexual**. Tradução: Tiago Elídio. Rio de Janeiro: Cassará, 2012.

# 4º ENCONTRO:

## “EXCLUSÃO E VIOLÊNCIA SOCIAL”

### Leitura prévia:

- “Literatura e violência no ensino de História: uma breve análise das escritas de Carolina Maria de Jesus e Scholastique Mukasonga.”, de Adriana Gomes Ferreira.

FERREIRA, Adriana Gomes. Literatura e violência no ensino de História: uma breve análise das escritas de Carolina Maria de Jesus e Scholastique Mukasonga. **Em tempo de Histórias**, Brasília, n. 39, p. 410-427, jul/dez, 2021.

### 1º Momento

- Discussão do texto teórico disponibilizado com antecedência para os docentes, levantando questões sobre como a pobreza e a desigualdade se traduzem em violência social.

### 2º Momento

Apresentação resumida da biografia dos autores de testemunhos que embasaram os contos do quarto encontro:

#### **Carolina Maria de Jesus**

Carolina Maria de Jesus (1914-1977) foi uma escritora, compositora, cantora e poetisa, sendo uma das primeiras autoras negras a alcançar reconhecimento no Brasil. Nascida em Sacramento, Minas Gerais, Carolina cresceu em uma família pobre e teve pouca educação formal, completando apenas dois anos de escola. Mudou-se para São Paulo,

onde trabalhou como catadora de papel e viveu na favela do Canindé. Sua obra mais famosa, *Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada* (1960), é um diário em que Carolina descreve de forma vívida e detalhada sua vida na favela, suas lutas contra a fome, a pobreza e a injustiça social. O livro foi um sucesso imediato e logo foi traduzido em treze línguas, tornando-a conhecida internacionalmente. Embora tenha enfrentado dificuldades após a fama, Carolina é hoje celebrada como uma voz importante da literatura brasileira, destacando a realidade das classes mais pobres e a resistência de uma mulher negra em meio a adversidades.

### 3º Momento

Roda de leitura dos contos produzidos:

- Carolina Maria de Jesus;
- Manhã de Sábado.

### 4º Momento

Discussão sobre os contos, sobre as temáticas abordadas e sobre formas de trabalhar os contos na sala de aula com os estudantes. Algumas sugestões de temáticas que podem ser abordadas:

- Pobreza e desigualdade como consequências da violência social e econômica;
- Marginalização e exclusão social;
- Efeitos da Covid-19 no Brasil.

### Indicação de leitura complementar:

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 2019.



**INSTITUTO FEDERAL  
ESPÍRITO SANTO**



**PPGEH**

Programa de Pós-Graduação  
em Ensino de Humanidades  
Instituto Federal do Espírito Santo

